

Ildo Perondi

Onésimo

**O APÓSTOLO PAULO
E A ESCRAVIDÃO
NAS PRIMEIRAS
COMUNIDADES CRISTÃS**



**3ª edição
E-book**

Onésimo

**O Apóstolo Paulo e a
escravidão nas primeiras
comunidades cristãs**

Ildo Perondi

Onésimo

**O Apóstolo Paulo e a
escravidão nas primeiras
comunidades cristãs**

**3ª edição
E-book**



**São Leopoldo
2020**

© Ildo Perondi – 2020
Av. Manoel Ribas, 966
Mercês
80810-000 Curitiba/PR
Tel.: (43) 99944.8328 / (41) 3335.1606
ildoper@gmail.com

Editoração: Oikos Editora

Revisão: Carlos A. Dreher

Capa: Marcelo Garcia dos Santos

Arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
93120-020 – São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848
www.oikoseditora.com.br
contato@oikoseditora.com.br

P453o Perondi, Ildo

Onésimo: o Apóstolo Paulo e a escravidão
nas primeiras comunidades cristãs. / Ildo Perondi.
– 3. ed. [e-book] – São Leopoldo: Oikos, 2020.

96 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-86578-16-4

1. Teologia – Apóstolo Paulo. 2. Apóstolo
Paulo. 3. Onésimo. I. Título.

CDU227.1

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Ildo Perondi é Frei Capuchinho, nascido em Romelândia/SC, com Mestrado em Teologia Bíblica pela Universidade Urbaniana de Roma e Doutorado em Teologia Bíblica pela PUC-Rio. É Professor de Sagradas Escrituras na PUCPR e em Cursos de Especialização em Teologia Bíblica na FAVI/INSECH. Assessoria cursos bíblicos para o CEBI, CEBs e Escolas Bíblicas.



SUMÁRIO

Apresentação	7
I – A perda da liberdade	11
II – Trabalhando na construção de estradas	19
III – Vendem-se homens	26
IV – O escravo pedagogo	32
V – Uma viagem inesperada	39
VI – Uma tentativa frustrada	43
VII – O encontro com Paulo de Tarso	47
VIII – O encontro com Jesus Cristo	56
IX – Uma reunião importante	60
X – A carta a Filêmon	65
XI – A viagem de volta	71
XII – Na casa de Filêmon	77
XIII – Sonhos e borboletas	82
XIV – Aprender com as quedas	87
Conclusão	93
Referências	95

APRESENTAÇÃO

Poucos anos após a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, a mensagem anunciada por Ele já se havia difundido para bem longe da Terra Santa. Graças, sobretudo, ao dinamismo do Apóstolo Paulo e dos seus companheiros, as comunidades cristãs se espalharam por todo o Império Romano.

Inúmeros foram os problemas enfrentados, pois a realidade onde o Evangelho floresceu era, na maioria das vezes, muito diferente do contexto da Galileia onde Jesus viveu a maior parte da sua vida e anunciou a sua mensagem. Isso exigiu dos missionários e fundadores de comunidades uma adaptação do Evangelho às culturas diversas onde a semente era plantada. É o que nós hoje chamamos de inculturação.

Um dos desafios a ser enfrentado era a escravidão. Ela estava presente em todo o império. Era com o sacrifício de uma parcela significativa da população que o império crescia e construía a infraestrutura da sociedade.

Nas comunidades cristãs, o problema era bem concreto, pois muitas delas eram formadas ao mesmo tempo por escravos e também por senhores proprietários de escravos. Esta convivência nem sempre era pacífica, por vezes gerava tensões. Os critérios evangélicos exigiam igualdade, partilha e convivência fraterna entre irmãos.

Na Primeira Carta aos Coríntios, Paulo trata do problema levemente junto com outras questões que perturbavam a boa harmonia da comunidade: “Permaneça cada um na condição em que se encontrava quando foi chamado por Deus. Eras escravo quando foste chamado? Não te preocupes com isto. Ao contrário, ainda que te pudesses tornar livre, procura antes tirar proveito da tua condição de escravo. Pois aquele que era escravo, quando chamado no Senhor, é liberto do Senhor” (1Cor 7,20-22a). A tradução destes versículos é difícil e não é unânime. E também não há consenso em torno do que Paulo queria dizer com a frase “procura tirar proveito da tua condição de escravo”.

De outro lado é preciso reconhecer que as comunidades cristãs eram uma gota d’água no grande oceano que era o Império Romano. O que poderiam fazer diante de um problema tão grande como a escravidão?

É a Carta a Filêmon, a menor das cartas do Apóstolo Paulo, que irá oferecer uma tentativa de solução para o problema. Este pequeno texto de 25 versículos é uma das páginas mais belas do Apóstolo. Sabemos que Paulo tinha seus secretários que escreviam as cartas que ele ditava (cf. Rm 16,22). Muitos biblistas concordam que “Filêmon” talvez tenha sido a única carta escrita pessoalmente pelo Apóstolo, e é considerada por todos os críticos como uma das cartas autênticas de Paulo.

Por muitos anos, pensou-se que esta carta tivesse sido escrita da prisão em Roma. Hoje a maioria dos biblistas defende a tese de que ela foi escrita quando Paulo estava preso em Éfeso. As razões para esta hipótese são muitas: havia ali

uma prisão do império. Também seria difícil que um escravo fugitivo de Colossas tivesse ido parar em Roma. E como Paulo poderia devolvê-lo de Roma a Colossas? Seguindo esta hipótese, a carta foi escrita entre os anos de 52 a 54 d.C., nos quais Paulo deve ter sido prisioneiro em Éfeso. O portador da carta foi Tíquico (cf. Cl 4,7-9) que acompanhou o retorno de Onésimo à casa de Filêmon, em Colossas.

A presente obra, usando a linguagem narrativa, procura introduzir o leitor ao problema da escravidão da época das primeiras comunidades cristãs. Onésimo pode não ter nascido em Pátara, nem ter tido família, mas o certo é que foi escravo e mudou sua vida depois do encontro que teve com o Apóstolo Paulo. Paulo aproveitou este episódio para lançar uma proposta de como as comunidades poderiam resolver o problema da escravidão, segundo a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo.

Infelizmente tantos anos após o anúncio do Evangelho, e também depois da Carta a Filêmon, a escravidão continuou existindo. Lembremo-nos da Idade Média e do período da colonização da América. Em nossos dias, ainda encontramos situações reais de trabalhadores que vivem sob a escravidão. Sem falar das tantas formas de escravidão modernas, como o trabalho em fazendas longínquas, nas carvoarias, o turismo sexual, o uso de pessoas no tráfico de drogas, a opressão das guerras, etc. Quantas pessoas ainda jovens são privadas de sua liberdade e submetidas a situações antievangélicas e anti-humanas!

O Apóstolo Paulo ensinava que “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mu-

lher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Segundo o Apóstolo, a liberdade era um dos dons mais importantes que Jesus nos havia dado: “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1). O sonho de ser livre é um anseio dos mais profundos da alma humana. É na liberdade que queremos servir ao nosso Deus.

I – A perda da liberdade

O inverno havia acabado, e a primavera se aproximava aos poucos. As árvores já espalhavam brotos e folhas tornando verdejante a paisagem. Os pássaros cantavam mais alegres, e o sol já surgia mais cedo nas manhãs. Recordo que minha mãe nos dizia:

– Depois do inverno, vem sempre coisa boa.

Desta vez, porém não veio nada além destes primeiros sinais. O que veio foi a guerra. Uma guerra estúpida – diga-se a verdade – porque poderia ter sido evitada, não fosse a idiotice que invade as mentes de algumas pessoas que governam as demais. É que estranhamente os governantes de Pátara, na costa da Lícia, resolveram não mais pagar os impostos a Roma. A região havia sido anexada à província da Panfília, por ocasião do regresso das legiões romanas que retornavam da conquista da Britânia quando Cláudio era imperador.

Os dirigentes de Pátara julgavam que as taxas eram muito elevadas, e que o benefício recebido em troca era muito pequeno. Mas Roma não perdoava e não tolerava subversões, e eles deviam saber disso. Bastou que as estradas estivessem livres da neve para que as legiões romanas chegassem. Impuseram uma derrota humilhante, saquearam a cidade e estipularam novas taxas, inclusive a de manutenção de tropas. Mas o castigo que mais atingiu a população foi que, para cada soldado romano morto na guerra, era ne-

cessário retribuir com 100 escravos. Deviam ser homens com mais de 16 anos e com menos de 40. Este “tributo” deveria ser pago em uma semana após a guerra, para que, quando as legiões fossem embora, já levassem também os homens que antes eram livres.

Para cumprir este lamentável recrutamento entre a população, escolheram pessoas despudoradas e muito bem pagas, cuja tarefa era, a seu bel-prazer, conseguir os quinhentos homens que deviam ser entregues aos romanos.

A notícia deste pagamento covarde não foi anunciada para evitar que os homens fugissem, por isso foi executada rapidamente e em silêncio, embora alguns já haviam comentado que Roma não perdoaria que cinco dos seus soldados haviam morrido na guerra para pôr ordem a uma região rebelada.

Foi assim que numa bela e triste manhã, quando o sol surgia por entre as montanhas, apareceram estes infelizes em nossa casa. O pavor espalhou-se por todos os lados, e eu só queria que não fizessem mal a minha mulher Fábria, ao pequeno Júlio, que tinha então três anos e, sobretudo, a Sílvia, que havia nascido há dois meses. Num instante, eu estava preso e amarrado olhando, pela última vez, as pessoas que eu mais amava. Fábria e Júlio choravam, e Sílvia nem poderia saber o que estava acontecendo. Os carrascos procuraram afastar a mulher e o menino com seus modos brutos, ameaçando com chicotes e espadas:

– Para dentro! Rápido! – gritavam.

– Eu voltarei. Esperem por mim! – gritei, e estas foram as minhas últimas palavras à minha esposa e aos meus filhos queridos. Fábria ainda ergueu a pequena Sílvia, como

se ela pudesse dar-me o último adeus. E, então, o cortejo saiu estrada afora.

Um dos mercenários que me conduzia falou-me com voz forte e ameaçadora:

– Recorde que agora você é um escravo. Cuide bem da própria vida, pois é a única coisa que você ainda possui.

Quando já havíamos andado cerca de um quilômetro, ainda consegui olhar para trás e ver minha pobre casa, imaginando a dor e o sofrimento que reinavam lá. Eu não podia fazer mais nada. Agora era um escravo. E outra vez, mesmo que em voz baixa, ainda consegui gritar:

– Eu voltarei um dia!

No final do dia, na praça pública da cidade, foram entregues aos romanos os quinhentos homens que agora iam ser escravos. Assim, os cinco soldados romanos que tombaram na guerra haviam sido vingados. A lição custou caro demais ao povo da nossa região, sobretudo às pessoas inocentes como os pobres trabalhadores que nada tinham a ver com a péssima administração da cidade. Recordei, então, outro provérbio que minha mãe dizia:

– Os reis fazem a guerra com os filhos dos outros. Os reis pagam a conta com o bolso dos pobres...

Na manhã seguinte, as tropas romanas foram embora da cidade, só ficou a legião responsável pela manutenção da paz e da ordem. E junto com as tropas fomos nós, os quinhentos escravos. Todos nós estávamos muito assustados. Ninguém falava nada, a não ser resmungar palavrões amaldiçoando os romanos e os nossos dirigentes. Entre o grupo, eu via aqui ou ali algum conhecido. Perto de mim, eram todos estranhos. Procurei conversar em voz baixa, mas

ninguém respondia. A ordem era que todos deviam permanecer em silêncio e manter o bom comportamento, pois as punições seriam severas.

Depois de uma caminhada de uns dez quilômetros, houve um momento de parada, e nos deram água para beber e uma porção de alimento. Um homem que estava um pouco afastado conseguiu chegar mais perto de mim, e o reconheci. Havíamos trabalhado juntos há algum tempo na construção do aqueduto da cidade.

– Para onde você acha que eles nos levarão? – perguntou-me.

– É difícil saber, mas estou imaginando que nos levarão até Éfeso, onde existe um porto maior. De lá devemos tomar um navio, e nos venderão em alguma parte do mundo.

– Então não vamos mais voltar para cá?

– Escravo uma vez, escravo para sempre... – eu respondi.

– Malditos! – xingou com raiva o pobre homem.

– Mas eu voltarei! Não importa onde irão me vender. Eu vou voltar um dia.

Uma nova ordem foi dada proibindo as conversas. Os soldados que nos conduziam não queriam que houvesse rebeldia. Mesmo durante as noites, havia vigilância severa para evitar a formação de grupos.

Já estávamos duas semanas em marcha. Embora em Pátara houvesse porto e passassem navios em direção a Éfeso, eles preferiram que fizéssemos o trajeto a pé. Creio que o objetivo era nos domesticar como escravos. Nas cidades e vilas por onde passávamos, os soldados romanos faziam questão de exibir o grupo como um troféu. Isso também

tinha o objetivo de servir de exemplo às demais regiões. Roma dominava e não tolerava insurgências. Portanto, era uma boa ocasião para dar lições e demonstrar o que poderia acontecer a quem desobedecesse ao império.

Seguramente o espetáculo não devia ser dos melhores. Quinhentos homens seminus, cansados, abatidos, tristes... Homens que haviam perdido tudo, deixado para trás suas famílias, seus bens, seus projetos de vida e o que tinham de mais importante: a sua liberdade. Alguns sofriam mais, não estavam acostumados a essas longas caminhadas. Os pés sangravam, o calor do sol feria as faces, a desidratação abatia os corpos de muitos, apesar de que havia também uma certa preocupação com a nossa situação. Ao passar por um rio, deram-nos a possibilidade de tomar um banho. Foi muito reconfortante. Depois, numa parada, um oficial ordenou que se fizesse um tratamento com aqueles que tinham os pés em pior situação. Não que houvesse coração ou misericórdia para conosco. O motivo era bem outro, e o ouvimos da boca do oficial:

– É preciso que cheguem em bom estado, do contrário quem irá comprá-los?

Com isso, já podíamos nos preparar para o que nos aconteceria em breve. Seríamos postos à venda. E então quem poderia saber o nosso destino?

Embora cansado, eu quase não conseguia dormir durante as noites. Em minha mente, surgiam as figuras de Fábria, Júlio e da pequena Sílvia. O que teria acontecido com eles? Teriam sido expulsos da casa? Teriam roubado o pouco de coisas que tínhamos? Como estaria seu ânimo? Pensei em Sílvia, tão pequena ainda, não iria nunca mais ver seu pai?

– Eu voltarei! – repeti mais uma vez meu credo. Era a minha certeza. Primeiro era preciso saber qual era a sorte que nos esperava. As possibilidades eram muitas. A escravidão no império era grande. Em algumas cidades, mais da metade da população era escrava, sobretudo nas cidades portuárias.

Havia também a escravidão dura daqueles que eram obrigados a trabalhar nas minas, nos moinhos, nas construções e nas lavouras. Havia ainda a possibilidade de servir nas casas dos cidadãos romanos. Esta era a melhor das soluções, porém, a menos provável, pois éramos escravos capturados durante uma guerra.

O comércio de escravos era permitido, tolerado e até incentivado pelo império. Era a escravidão que fazia o império crescer e prosperar. Com mão de obra barata, construía-se estradas, monumentos, palácios, faziam-se obras. Nas praças das cidades, havia um local onde se vendiam os escravos. Alguns eram capturados por ocasião das guerras, outros tornavam-se escravos quando não conseguiam pagar suas dívidas, outros, quando eram condenados por crimes praticados. Os filhos de escravos também tinham o mesmo destino dos pais e, nascendo escravos, permaneciam escravos. Mas havia também o comércio mercenário de escravos. Pessoas inescrupulosas formavam grupos armados, iam para regiões distantes e pobres, saqueavam os vilarejos desprotegidos e capturavam as pessoas para a escravidão.

Numa noite, coube-me dormir ao lado de um jovem conhecido. Era Shamuel, filho do comerciante onde eu tantas vezes comprava mercadorias necessárias e onde vendia

alguns produtos. Então nos abraçamos lamentando a nossa triste situação. O pai de Shamuél se chamava Jacob, e nós sabíamos que eram de família judaica. Antes de dormir, Shamuél fez diversas orações, e eu o escutei, embora não entendesse nada do que dizia, pois orava em sua língua. Eu achei bonito que, enquanto fazia suas preces, ele inclinava o corpo fazendo movimentos, e suas palavras murmuradas baixinho ressoavam em meus ouvidos:

– *Shemá Israel...* (Escuta Israel...)

Embora os soldados não permitissem conversas, naquela noite, parecia haver uma exceção. Depois soubemos que era dia de uma festa romana, por isso, naquela noite, estavam mais “bons” do que de costume e não se importavam que os escravos conversassem entre si.

– São muito bonitas as suas orações! – falei para Shamuél.

– É isso que me dá forças. Meu Deus me protege e haverá de me libertar desta escravidão, como no passado Ele já libertou nosso povo da escravidão do Egito.

– Quando foi isso? – perguntei.

– Já faz uns 1300 anos...

– Pensei que fosse há menos tempo.

– Você não acredita em Deus? Não tem religião? – perguntou-me Shamuél.

– Não... Nunca gostei dos deuses romanos. E agora é que não gostarei deles.

– Mas os deuses deles são falsos, são fabricados, são estátuas de imperadores. Há um único Deus, Criador de tudo.

– Eu só acredito se Ele me livrar desta escravidão...

Neste instante, soou uma trombeta, e nós sabíamos que era o sinal para o silêncio e que era hora para ir dormir. No entanto, as palavras de Shamuel haviam tocado meu coração e me fizeram muito bem. Foi um consolo em meio à dor e ao sofrimento.

Naquela noite, o céu estava iluminado, não havia lua, somente estrelas, muitas estrelas... Algumas maiores, outras menores. Fiquei olhando para elas. Tantas e tão belas! Imaginei que as estrelas deveriam ser seres divinos. Se eu pudesse falar com elas, pediria que uma estrela fosse cuidar de Sílvia e protegê-la... Quando pensei em minha filhinha, meus olhos se encheram de lágrimas. “Um dia eu voltarei!”, repeti várias vezes. No céu, vi uma estrelinha que caminhava. Era como se estivesse indo para algum lugar ou voltando para casa.

II – Trabalhando na construção de estradas

Eu já não sabia mais quantos dias haviam passado, pois perdi a conta, e enfim chegamos ao porto de Éfeso. Ali ficamos mais três dias esperando pelos navios que nos levariam até alguma outra cidade. Entre nós, circulou a informação de que o destino do nosso grupo seria Corinto, onde seríamos vendidos.

O porto de Éfeso estava muito movimentado. Eram muitos os navios que chegavam ou partiam. Havia muitas cargas de mercadorias, e o trabalho escravo era grande. Seria isso que nos esperava? Carregar e descarregar fardos pesados?

Havia muitas pessoas que viajavam... Umas desciam, e outras subiam toda vez que um novo navio atracava no porto. Homens e mulheres esperavam a chegada do seu navio, mas não como nós. Eram pessoas livres, comerciantes, viajantes. Muitas pessoas passavam perto de nós e nos olhavam. Alguns senhores zombavam e caçoavam de nós, como se dissessem que estávamos merecendo tal punição. Outros percebiam que éramos prisioneiros de guerra e exaltavam os romanos.

Chamou-me a atenção um homem de baixa estatura e muito ativo que parou diante de nós. Olhou com compaixão, e vi que pronunciava orações em nosso favor e fazia gestos como se estivesse nos abençoando. Em certo momento, aproximou-se muito de nós, e pude ver seu rosto sereno e cheio de bondade. Com ele, estavam mais três homens e que tam-

bém balançavam a cabeça em sinal de piedade e reprovação. Seguramente não concordavam com a escravidão e com a condição humilhante em que nos viam. Guardas armados aproximaram-se deles e fizeram com que rapidamente se afastassem de nós. Guardei no meu coração a imagem daquele homem que olhou para nós com ternura e compaixão.

Fomos divididos em três grupos. O navio em que fui colocado rumou para Corinto. O nosso grupo deveria ter em torno de duzentas pessoas. Porém, em alto mar, percebemos que houve mudança de itinerário. E então soubemos o que nos esperava. Iríamos trabalhar na construção de uma estrada que ligava Pérgamo a outra via do império.

No primeiro dia, tivemos um momento horrível. Fomos marcados com ferro quente. Esta marca nos recordava de que tínhamos dono e que não éramos mais livres. Além da dor física, sentimos também a dor emocional dentro de nós. A marca cravada em nosso corpo era para toda a vida. Ficaram um sinal visível no corpo e uma ferida invisível na alma. Embora vivos, já estávamos mortos para o mundo...

A tarefa que nos coube era dura. Devíamos cavar, transportar pedras, construir pontes, tudo sempre debaixo da vigilância de guardas cruéis que puniam sem piedade qualquer tentativa de rebelião ou alguém que não trabalhasse no ritmo determinado.

Os capatazes que nos cuidavam nos davam bom alimento. Não agiam assim porque tinham misericórdia e compaixão, mas porque, se fôssemos bem alimentados, tínhamos condições de produzir mais. Pediam o bom comportamento de todos para evitar as repreensões e punições. Quando um de nós desobedecia as ordens, era flagelado na fren-

te de todos, para que servisse de exemplo. Ou, então, quando era conduzido às salas de tortura, sabíamos que os sofrimentos eram maiores ainda.

Para exigir bom comportamento de todos, os capatazes nos fizeram uma promessa. Era difícil acreditar que ela seria cumprida, porém nos dava certa esperança.

– Aqueles que se comportarem e não receberem nenhuma punição, ao final da obra, serão vendidos para cidadãos romanos e poderão ter uma vida melhor. Os desobedientes irão para as minas.

Ninguém queria ir para as minas. Todos já sabíamos de histórias tristes que nos contavam. Ir para as mineiras era o caminho da morte. De lá ninguém voltava livre, a maioria morria por lá mesmo. A ameaça com os trabalhos nas mineiras era um meio de coerção muito forte para obter o bom comportamento. Por esta razão, eram raros os casos de insubordinação ou rebeldia. Blastos tentou agredir seu capataz e imediatamente foi detido e encaminhado para as minas. Outros dois irmãos tentaram fugir e também foram encaminhados para lá. Os capatazes faziam questão de nos lembrar estes exemplos.

O segundo inverno na construção da estrada estava terminando, e isso me dizia que já eram quase três anos de escravidão e longe da minha família. Este inverno foi menos rigoroso que o anterior e, com isso, o trabalho rendeu mais do que o esperado. A obra estava acabando, e os primeiros sinais da primavera começavam a aparecer nas plantas que já brotavam, nos passarinhos que cantavam e na vida nova que surgia em toda parte.

E foi numa manhã de primavera que o sol surgiu formoso no horizonte. Eu estava entre o grupo de escravos que estava reunido no pátio. E anunciaram que, em vista do nosso bom comportamento, não iríamos para as minas, mas seríamos vendidos a mercadores. A notícia não era das melhores, mas também não era a pior. Mais uma vez era preciso contar com a sorte e torcer para ser adquirido por um bom patrão.

Shamuel também estava ao meu lado e, baixinho, fazia suas orações:

– *Baruk, atah Adonai Elohenu, melek haholam...* (Bendito sejas Tu, Senhor nosso Deus, rei do Universo.)

Eu não entendia muito, no entanto, já havia decorado estas palavras, pois elas eram o início da maioria das suas orações. Quando ele terminou, falei:

– Acho que Deus escutou as suas orações. Já é uma boa coisa não ir para as minas, porém agora precisamos esperar que tenhamos sorte em nosso novo lugar.

– Talvez nunca mais nos veremos... – disse-me com certa tristeza.

– Talvez... Mas um dia eu voltarei. É minha sina. Não vou desistir nunca de lutar pelos meus sonhos e pelo desejo de reconquistar a minha liberdade e voltar para junto da minha esposa e meus filhos...

– *Baruk hashem!* (Bendito seja o Nome) – disse Shamuel louvando seu Deus.

– Um dia eu voltarei! – respondi.

– Às vezes eu também acredito, porém sei que não será fácil. Tenho saudades de tudo o que deixei.

– Eu vou voltar. Vou cuidar muito, procurarei me comportar bem e um dia tenho certeza de que a oportunidade vai chegar. Alguma coisa me diz que devo me cuidar, que devo procurar, buscar, esperar o momento certo... E sei também que não devo errar nem querer apressar as coisas.

– Que Adonai o abençoe – disse Shamuél inclinándose.

* * *

Naquela noite, lembrei mais do que nas outras o lugar que deixei, minha esposa e meus filhos. O que teria acontecido com minha família? Se eu pudesse adivinhar, saberia que, quando completou três anos de idade, Sílvia passou a ter sonhos. A princípio, eram leves e esparsos e depois tornaram-se mais intensos e vinham todas as noites e, então, ela se recordava deles pela manhã e passou a contá-los à sua mãe.

Nos sonhos, aparecia sempre um anjo com uma pessoa nos braços como se lhe entregasse um presente:

– É seu papaizinho – dizia-lhe o anjo.

Com isso, Sílvia começou a alimentar a certeza de que um dia iria ver seu pai. Esta esperança, no entanto, a mãe já havia quase abandonado. No início, logo depois que o marido lhe fora tirado, quando Júlio e, mais tarde, Sílvia lhe perguntavam pelo pai, ela respondia sempre da mesma forma:

– Um dia ele voltará.

Agora, porém, passados quase três anos, esta certeza começou a desaparecer aos poucos. Trabalhava feito uma louca para alimentar as crianças. Recebera a ajuda de um

irmão, que estava trabalhando fora durante a estúpida guerra e suas consequências e, por isso, hoje não era escravo. Já começara a viver para uma nova realidade: pensava no futuro das crianças, que cresceriam sem pai.

Enquanto isso, Sílvia sonhava todas as noites, e seu prazer era acordar e poder relatar para a mãe a visita que havia recebido durante a noite.

– O anjo me disse que papai vai voltar.

– Você deve parar de pensar nisso, minha filha. Papai foi para um lugar distante e difícil. E de lá não pode sair.

– Mas por que ele não volta?

– Porque eles não o deixam voltar.

– Quem é que não deixa?

– As pessoas más. No mundo há pessoas boas e pessoas más. E o seu pai está nas mãos de pessoas más.

– Só que, no meu sonho, ele está nas mãos do anjo. O anjo é pessoa boa ou má?

– Deve ser pessoa boa.

– Então o anjo vai trazê-lo de volta.

Estes sonhos de Sílvia todas as noites, apesar de serem belos e alimentarem a esperança, começaram a preocupar Fábيا. Ela não poderia crescer acreditando na ilusão. “Escravo uma vez, escravo para sempre” – dizia-se por toda parte.

Certo é que na cidade Fábيا havia escutado alguns comentários de que as novas autoridades se comportavam bem diante dos romanos, pagavam os tributos em dia e prestavam muitas homenagens ao imperador. E que teriam enviado representantes às autoridades pedindo que, em vista da nova boa vontade de Pátara, os romanos lhes devolves-

sem os homens que haviam sido levados como escravos. No entanto, a proposta não havia sido bem acolhida. Diziam que os escravos já não estavam mais sob a tutela romana, pois haviam sido vendidos no comércio de escravos e não se sabia mais o paradeiro da maioria deles. E que ainda era cedo para tanta bondade, era preciso deixar passar mais tempo para ver se a postura da cidade era mesmo sincera.

Fábia preferiu então levar Sílvia até uma velha mulher que resolvia alguns problemas de saúde do povo. A mulher olhou para Sílvia, fez algumas perguntas e depois algumas simpatias, deu alguns chás para a menina tomar e concluiu:

– Sente muito a falta do pai... Mas os sonhos não fazem mal a ninguém. Deixe a menina sonhar, e logo tudo passa. É a idade...

III – Vendem-se homens

Na praça da cidade de Éfeso, fomos colocados à venda. Havia plataformas giratórias onde os escravos ficavam de pé, praticamente nus. Os mercadores colocavam cartazes onde escreviam algumas das nossas virtudes e exaltavam as nossas qualidades, embora fosse tudo um jogo nojento. Inventavam coisas que nem sabiam a nosso respeito, a fim de sermos adquiridos por um preço melhor.

Eu estava quieto e pensava em tudo isso. Ao mesmo tempo em que este espetáculo me enchia de raiva, eu me perguntava: o que é um ser humano para ser vendido assim como um objeto de comércio?

De outro lado, eu sabia que neste momento também meu futuro estaria sendo decidido. Ouvia o mercador elogiar minhas qualidades:

– Trabalhador, muito honesto, dócil, nunca deu problemas... Quem o adquirir estará fazendo um bom negócio, um investimento que terá retorno garantido...

Eu mesmo sabia que em parte me havia comportado assim, pois era parte da minha estratégia. Iria me comportar bem para que um dia chegasse a oportunidade de fugir. Era inútil tentar a fuga a todo o momento, pois a vigilância era maior sobre os que já haviam tentado uma fuga. De outro lado, não bastava fugir, logo ser capturado e voltar em situação pior. Era preciso estudar bem a situação e somente arriscar tudo quando se tinha a certeza de que o plano daria certo. Foi isso que me levou a concluir que, no período da

construção da estrada, era inútil tentar colocar em prática qualquer plano de fuga. Todos os que tentaram fugir acabaram presos e açoitados, e outros foram encaminhados para as minas – de onde não voltariam, com toda certeza. E muitos outros foram mortos.

Por isso, agora, estava sendo jogada uma cartada decisiva. Uma boa aquisição poderia decidir meu destino. Diante de nós estavam os vendedores que exaltavam os escravos. E havia também os compradores, a maioria deles eram os futuros patrões que nos olhavam, faziam comentários. Era como se, ao olhar para nós, nos dissessem:

– É tudo verdade o que dizem de vocês?

Havia um receio de não ser bem vendido. Aqueles que sobravam acabavam nas mãos dos mercadores mais inescrupulosos, eram considerados mercadoria sem valor e, por isso, iam para os piores trabalhos.

Vi então um homem que estava acompanhado de um jovem. Deviam ser pai e filho, pois se pareciam muito. Pararam diante de mim, analisaram meu aspecto físico, perguntaram pelo preço e discutiam com o vendedor.

Ao mesmo tempo, olhei para o lado e vi que Shamuél acabava de ser comprado e que estava sendo levado embora. Saudou-me pela última vez e, pelo movimento dos lábios, percebi que me dizia em sua língua:

– *Shalom!*

Balancei a cabeça, fiz um gesto com a mão e despedi-me dele com um sorriso para lhe desejar boa sorte. Enquanto o levavam, eu refletia sobre tudo isso que nos acontecia e lembrava que Shamuél tantas vezes havia dito que a escravidão não era da vontade de seu Deus. Tantas vezes quis ter

a fé que ele tinha! Quando ele rezava, alimentava mais suas forças e sua coragem de continuar vivo e um dia recuperar a liberdade. Vi que Shamuel partiu fazendo suas orações. E ele seguramente viu-me repetindo a minha certeza:

– Um dia eu voltarei!

Depois de mais algumas conversas, eu vi que também havia sido vendido. O homem e o rapaz pareciam estar felizes com a aquisição. E, assim, fui retirado da plataforma giratória e vestido com novas roupas. Procurei imaginar quanto é que deveriam ter pago pela minha aquisição? Quanto é que eu valia? E qual foi o valor que teriam pago pelo meu amigo Shamuel?

* * *

Meu novo patrão se chamava Filêmon e morava em Colossas, que ficava a cerca de duzentos quilômetros de Éfeso. O jovem que o acompanhava no dia da compra chamava-se Árquipo e era seu filho mais velho. Na casa, havia também outro filho, chamava-se Alexandre, um menino de doze anos. Logo fui tomando consciência da minha nova realidade. Na casa, éramos um grupo de cerca de dez escravos, e os trabalhos eram os mais variados.

Filêmon queria dizer “amoroso”. Este senhor era um tanto complicado para o meu gosto. Às vezes, excedia-se em bondade, outras vezes, em maldade. O contrário acontecia com sua mulher, Ápia, que era sempre gentil e nos tratava muito bem.

Filêmon viajava muito. Suas ausências eram também tempos de bonança e de vida melhor. Percebemos que, na

casa, costumava reunir-se um grupo diferente. Cantava hinos e cantos alegres, fazia orações. Em certos momentos, fazia uma refeição em comum. A esposa de Filêmon sentia-se feliz quando o marido viajava e podia reunir este grupo diferente de pessoas. Isso devia lhe fazer um bem muito grande, pois, nos dias seguintes, ela se mostrava muito generosa conosco, perdia tempo falando-nos de amor e caridade. Nunca mais a ouvimos nos chamar de escravos. Ela nos chamava de irmãos.

Porém, quando Filêmon retornava, o ambiente mudava. Nosso receio era o dia em que Filêmon se esquecia de ser amoroso como dizia o seu nome. E o pior de todos esses dias chegou. Filêmon estava de mau humor, bebeu demais e, por coisas banais, mandou espancar muitos escravos, até que ele mesmo pegou o chicote para açoitar um pobre homem. Via-se a crueldade em seu rosto... Ápia aproximou-se e pediu piedade em favor do escravo:

– Não faça isso com ele. É um filho de Deus!

– Filho de Deus? É isso que vocês aprendem quando se reúnem enquanto estou fora? Pensam que eu não sei? Querem que crucifique este coitado como fizeram com o idiota do Jesus de vocês?

– Não fale assim de Jesus Cristo! – respondeu Ápia.

Foi o suficiente para que ele a maltratasse também, com brutalidade. Plauto, que era o capataz, pediu ajuda, e todos nós tivemos que agir para conseguir segurar Filêmon que gritava e maldizia a todos. Prometia que no dia seguinte iria acertar as contas com todos.

Plauto parecia conhecer bem o ambiente e insistia que o ajudássemos a manter o homem sob controle.

– Fiquem tranquilos. Amanhã ele se acalma e se arrepende do que falou.

Uma cena nos chamou a atenção. Durante a noite, Ápia e uma escrava vieram curar as feridas do pobre homem que havia sido açoitado. Ápia chorava e pedia perdão.

Não dormi bem durante a noite. Fui dos primeiros a ajudar Plauto a conter a fúria de Filêmon. Por alguns momentos, arrependi-me. Deveria ter ficado quieto no meu canto. Qualquer punição poderia estragar toda a minha estratégia de manter um bom comportamento a fim de ganhar a liberdade que eu tanto queria. Temia pela manhã que estava para chegar e pelos castigos que poderiam vir.

Plauto levantou cedo e, quando passou por nós, repetiu sua teoria:

– Noite ruim de patrão, manhã boa que vai chegar. Conheço Filêmon.

Isso me deu certa tranquilidade. De manhã, ninguém viu Filêmon, e todos foram ao trabalho. Zaira, a escrava que sabia de tudo na casa, deu-nos a informação importante sobre a situação.

– Filêmon acordou bem, como sempre acontece depois de suas noites de loucura. No entanto, alguma coisa diferente aconteceu hoje.

– O que foi? – era como se todos juntos tivéssemos feito a pergunta.

– Filêmon chorou arrependido do que fez... Depois Ápia e Filêmon conversaram durante um longo período e partiram juntos.

– Onde foram? – perguntou um dos escravos.

Zaira olhou para Plauto quase como que pedindo consentimento para revelar o que sabia:

– Eles foram até Éfeso à procura de um homem chamado Paulo de Tarso.

– Quem é ele? – foi a pergunta que fizemos todos ao mesmo tempo. Mas nem Zaira, nem Plauto puderam responder.

IV – O escravo pedagogo

O verão havia chegado, trazendo lindos dias de sol. Eu gostava do verão por causa dos dias longos e porque havia mais luz. Mas para nós, escravos, a luz havia chegado também com a mudança de vida de Filêmon. Depois da visita que foram fazer a Paulo de Tarso, houve uma alteração grande na casa. Todos notaram, inclusive Plauto, que por ordem expressa de Filêmon tornara-se proibido maltratar qualquer escravo.

Filêmon agora fazia jus ao nome. Mostrava-se muito amável e bondoso com todos. Se isso nos fazia bem, ficava sempre uma pergunta: quem era este Paulo de Tarso? Permanecia um mistério sobre este homem que eles foram visitar, e o que teria feito de tão importante para mudar a vida de Filêmon, pois aquelas crises de loucura e maldade haviam mesmo desaparecido.

Filêmon viajava muito ainda. Na maioria das vezes, ia com ele o filho, Árquipo, e então Plauto comandava os trabalhos. Alexandre ia estudar, conduzido por Hermes, que era o seu pedagogo.

A função de pedagogo era a mais cobiçada, pois era confiada ao escravo de muita confiança do senhor. Ele tinha a função de conduzir o menino até o mestre e trazê-lo de volta sob sua proteção.

O verão era também tempo dos frutos maduros. E um deles amadureceu na árvore da minha vida, sem que eu esperasse. Filêmon e Árquipo haviam viajado e levado con-

sigo Flegonte, que era o substituto de Hermes quando este estava impedido de exercer a sua função.

Hermes ficou doente do dia para a noite. Por isso, Plauto chamou-me e deu-me as instruções para a nova tarefa:

– Você deve conduzir o menino até o mestre. É uma tarefa de muita responsabilidade que estou confiando a você.

Aceitei com a maior boa vontade possível. Dentro de mim amadurecia sempre mais a ideia de comportar-me bem e esperar pela chance de poder ganhar a liberdade. Eu sabia que não deveria abusar dela, não seria ainda desta vez, mas era o momento de ganhar a confiança dos meus senhores. Conseguia ver tudo isto como um sinal dos céus: a bondade de Ápia, a mudança de vida de Filêmon, a doença de Hermes e a possibilidade de ser “pedagogo”.

Alexandre era um bom menino, e vi que simpatizou logo comigo. Enquanto íamos até o mestre, ele pediu meu nome, conversava, fazia perguntas... Além disso, falava do mestre e dos seus conhecimentos.

No dia seguinte, no caminho, passamos perto de um parreiral, e Alexandre observou o sinal:

– Logo as uvas estarão maduras. Gosta de uvas?

– Sim, gosto muito, desde que estejam maduras.

– Por quê?

– Minha mãe dizia que não se devem comer as uvas verdes porque podem dar dor de barriga.

– Isso é verdade. E o que lhe ensinou seu pai sobre as uvas?

– Que uvas verdes apodrecem os dentes.

– Isto também é verdade. E o que você pensa sobre isto?

– Que ambos têm razão.
– Isto também é mais uma verdade.
– E o que é a verdade? – perguntei.
– Grande pergunta! É o que estamos estudando nestes dias. Ninguém pode ser dono da verdade. Todos nós devemos buscá-la, descobri-la. É como um tesouro a ser descoberto, procurado.

Conversando sobre isso, chegamos ao local onde Alexandre aprendia sobre o que era a verdade. Fiquei esperando o final da lição para conduzir o menino de volta. Pensava em tudo isso. As “uvas” estavam amadurecendo. No entanto, não deviam ser comidas se não estivessem maduras. Era melhor evitar dor de barriga e estrago nos dentes...

Na manhã seguinte, Alexandre apareceu bem disposto e, logo que empreendemos a caminhada em direção à escola, pôs-se a falar:

– Gosto muito de você como pedagogo. Meu pai deveria vender Hermes e colocar você no lugar dele.

– Por que você pensa assim?

– Você escuta, faz perguntas e dá respostas. Hermes, no máximo, limita-se a ouvir-me, mas não dá palpite. Nós só aprendemos quando dialogamos, quando escutamos o outro lado de uma opinião.

– Hermes deve entender que é um escravo. Talvez eu esteja exagerando. Também sou um escravo. O que dizem os mestres sobre a escravidão? – Aproveitei para definir o tema da conversa do dia, já que o menino estava a fim de conversar.

– A escravidão é necessária. Do contrário, o mundo iria acabar, ensina meu mestre. Veja quantas construções, quanto comércio e movimento. Alguém precisa fazer isso.

- E por que alguns são livres e outros são escravos?
- Os romanos pensam diferente dos filósofos gregos.
- Qual a diferença?

– Segundo o grego, Aristóteles, por exemplo, a escravidão é uma ferramenta viva para manter a sociedade em funcionamento. Ele afirma que alguns corpos humanos são biologicamente construídos para a escravidão, devido a sua anatomia. Portanto, algumas pessoas já nascem destinadas à escravidão, devido a sua natureza.

Enquanto Alexandre falava, eu pensava: “Eu não havia nascido para a escravidão, mas para a liberdade. Que destino mais ingrato teria sido este, se nasci livre e acabei na escravidão? O que o destino me reservaria então: a liberdade ou deveria acabar meus dias na escravidão?”

– E o que pensam os filósofos romanos? – perguntei.

– Bem diferente dos gregos, sobretudo os filósofos estoicos. Segundo estes, a sociedade é composta destas duas categorias de pessoas: os escravos e os cidadãos livres. Não é uma questão natural que decide a qual dos grupos devemos pertencer. É uma questão de sorte e de opção de vida.

– Como assim?

– Ora, se alguém teve a sorte de progredir e se tornou cidadão romano, não será escravo. Se outro, por sua vez, se endividou ou foi vítima de seus erros ou infortúnios, acabou escravo. Fez por merecer.

– Mas nem todos acabam escravos por sua própria culpa – pensei no meu caso e em Shamuél.

– Tudo faz parte de um jogo, embora sendo contra a natureza humana, os estoicos afirmam que a escravidão é legítima, necessária e moralmente certa.

– São os escravos que constroem a riqueza do império... – Eu ia continuar, porém lembrei que era melhor não dizer o que eu estava pensando, para não me complicar.

– É certo que os escravos, aqueles que trabalham mais, são também os que menos se beneficiam desta riqueza! – disse Alexandre.

Isto me animou, pois era o que eu queria dizer.

– Uma vez escravo, escravo para sempre?

– Na visão grega, sim, porém a lei romana permite a *manumissio*, que é a possibilidade do escravo tornar-se livre. Porém, no início, era muito fácil adquirir a liberdade, então o imperador César Augusto emitiu um decreto que dificultou a emancipação.

Eu teria outras perguntas para fazer, mas já havíamos chegado. Eram informações importantes que eu queria. No entanto, o mais importante era ver como Alexandre se sentia bem comigo, porque podia mostrar seus conhecimentos.

O novo dia estava cheio de vida e esplendor. Brilhava um sol muito forte, e, ao mesmo tempo, sentia-se a brisa de um vento suave que soprava. Alexandre falou do tempo e da beleza das estações do ano. Recordou novamente que as uvas estavam amadurecendo e isso também era sinal de que as férias estavam chegando. Bruscamente mudou de assunto e me perguntou:

– Você já ouviu falar de Jesus de Nazaré e de Paulo de Tarso?

A princípio, estranhei a pergunta, mas eu também tinha interesse em saber alguma coisa sobre eles. O que fazia aquele grupo que se reunia e que Zaira nos dizia que falava

deste Jesus? E o meu interesse era também sobre Paulo de Tarso. Quem era ele, onde morava e por que Filêmon havia retornado outro homem depois do encontro com ele?

– Só ouvi falar uma única vez de Paulo de Tarso. E este Jesus de Nazaré, quem foi?

– Meu mestre não gosta dele, diz que morreu pregado numa cruz. Os mestres dizem que se ele fosse um sábio teria escapado da morte mais cruel que os romanos impõem a um criminoso.

– E por que você quer saber sobre ele?

– Porque em nossa casa se fala dele quando vem aquele grupo de pessoas e se reúne. Já perguntei à minha mãe, mas ela me disse que no tempo certo vai me explicar. Eu disse a ela que os mestres acham que ele não foi sábio, pois não soube salvar a própria vida.

– E o que foi que ela lhe disse?

– Que logo irá me explicar tudo.

– Só sua mãe gosta dele?

– Arquipo, meu irmão, também. Você não percebe que Arquipo está saindo muito de casa? Ele vai para outros lugares falar de Jesus Cristo.

– E Paulo de Tarso, quem é?

– Bom, deve ser um homem que nasceu em Tarso. É uma cidade importante, lugar de escolas famosas e de sábios. Sabia que os mestres também não gostam dele? Caçoam quando alguém fala do seu nome.

– E você o que pensa dele?

– É sobre ele que minha mãe vai me falar. Mais uma vez me disse que me ensinará tudo no tempo certo. Os mestres dizem que ele vai pelo mundo afora e prega que Jesus é

o Salvador. Por isso, riem dele, pois prega a mensagem de um homem que não foi capaz de salvar a si mesmo e, sobretudo, porque prega a ressurreição dos mortos.

– Porém, há uma coisa. Seu pai melhorou e mudou de vida depois que foi encontrar-se com ele.

– Isso é verdade. É um mistério em nossa casa, meu pai nunca mais usou de maldade comigo e com ninguém depois daquela vez que mamãe o levou até ele...

Chegamos à escola. Enquanto esperava por Alexandre, eu meditava sobre tudo isso. Bem que este Paulo de Tarso poderia resolver o meu problema, como mudara a vida de Filêmon. Embora eu quisesse retornar ao assunto, Alexandre preferiu comentar a lição do mestre que pouco me interessava, mas dei-lhe atenção somente para vê-lo feliz. Um dia, iria retomar as discussões sobre estes dois personagens um tanto misteriosos.

Para minha tristeza, no dia seguinte, Hermes já estava melhor e voltou a ser o pedagogo de Alexandre. Vi a reação negativa do menino ao saber que não seria eu a conduzi-lo naquela manhã em que o tempo estava carregado de nuvens anunciando chuva.

De fato, choveu na parte da tarde, e Ápia pediu a minha ajuda para mudar de lugar alguns móveis dentro da casa. Fiz o trabalho com o maior prazer, seguindo suas ordens. No final, ela até me deu um doce como gratificação pelo trabalho. No entanto, ao mover um armário de lugar, uma porta se abriu, e, dentro dele, acabei vendo um pequeno recipiente que guardava moedas. Guardei bem em minha mente o local onde estava e voltei ao meu posto.

V – Uma viagem inesperada

O verão estava chegando ao fim. E as férias de Alexandre também.

– Amanhã vou recomeçar as lições – disse-me quando passou por mim.

Filêmon havia recebido uma carta, e logo soubemos que alguma coisa grave havia acontecido, porque vimos que estava muito preocupado. Abandonou os trabalhos que estava fazendo e conversava muito com Ápia. Pouco depois, fui chamado para conversar com eles.

– Você tem sido um servo muito leal desde que aqui chegou. Devo ainda agradecer-lhe pelo modo como exerceu tão bem a tarefa de pedagogo de Alexandre, quando Hermes ficou doente. O menino falou muito bem de você.

– Eu agradeço pela confiança. Estou sempre ao seu dispor.

– Estou mais do que precisando disso. Tenho uma tarefa importante e vou pedir um favor especial de sua parte, contando sempre com a utilidade com que sempre me serviu.

– Sim, senhor, – respondi, imaginando que voltaria ao trabalho de pedagogo. Mas não era isso que Filêmon e Ápia queriam de mim.

– Temos um amigo importante, que, por causa da sua coerência de vida, acabou preso em Éfeso. Ele foi muito bondoso conosco, e agora somos nós que precisamos retribuir a generosidade e mandar-lhe uma ajuda. Por isso, pe-

dimos que você se prepare e amanhã cedo deverá partir para Éfeso para levar o nosso auxílio até ele.

– Vou com prazer. Porém, é bom que saibam que não conheço Éfeso, muito menos onde é a prisão. Como faço para encontrá-lo?

– Não se preocupe com isso. Temos conhecidos em Éfeso. Você se dirigirá até eles, e eles entregarão a nossa ajuda a Paulo de Tarso.

– Posso saber quem é ele? – falei esperando alguma informação que há tempo buscava sobre este homem.

– É um apóstolo e missionário que faz o bem por onde passa. Eu mesmo sou seu devedor. Ele salvou a minha vida.

– Então não devia estar preso – lamentei.

– A justiça dos homens nem sempre é a mesma justiça de Deus – exclamou Ápia.

– Mandei preparar um bom cavalo, e, amanhã cedo, você partirá – interveio Filêmon, que, com certeza, não queria prolongar a discussão. – Arrume o que for necessário, enquanto eu preparo o que você deve levar ao Apóstolo. Se ele precisar da sua ajuda, ficará a seu serviço até quando for necessário. Já providenciei uma carta de recomendação para você, caso as autoridades o peguem. Sempre é bom viajar com documentos.

Parti ao clarear do dia. Na medida em que ia me afastando da casa de Filêmon e ganhando estrada afora, sentia meus planos se realizando e era como se estivesse conquistando a liberdade que eu tanto havia sonhado. Em determinado momento, a estrada era reta. Apressei o cavalo, que correu o máximo que podia, e, do fundo do meu ser, soltei meu grito de liberdade:

– Eu voltarei um dia! – pensei em Fábria, em Júlio e, sobretudo, em Sílvia que já deveria ter seus cinco anos. Muito em breve, eles me veriam voltando...

Depois segurei o cavalo e o fiz seguir no trote normal para não cansá-lo. Havia sentido o gosto da liberdade, mas eu só estava dando os primeiros passos. Era preciso que todo o projeto desse certo. Para isso, era necessário ter muito cuidado, manter a calma e não cometer erros.

Num certo momento, percebi que uma borboleta voava no mesmo rumo da estrada que eu estava percorrendo. Diminuí o trote do cavalo para que ela pudesse acompanhar o ritmo. Às vezes, pousava no meu ombro, outras vezes, sobre o lombo do cavalo.

– Bom sinal – pensei comigo. Desde pequenos, aprendemos que as borboletas quando vêm pousar sobre nós trazem sorte.

O que eu não podia saber era que naquele mesmo momento, tão distante, em Pátara, Sílvia já havia acordado e, como de costume, contava seus sonhos noturnos à mãe, enquanto esta finalizava os trabalhos em casa, antes de partir para trabalhar fora e ganhar algumas moedas para sustentar a casa. Fábria ouvia com tristeza e, ao mesmo tempo com ternura os relatos da pequena:

– O anjo que cuida do papai é muito bonito, sabia, mãe?

– Se é anjo, deve ser belo. Todos os anjos são muito lindos.

– Mas o meu é diferente... E no meu sonho tinha também borboletas, muitas borboletas. Por que é que as borboletas não cantam como os passarinhos ou como as cigarras?

Queria tanto conversar com elas... Mas não falam, não cantam...

– Cada bichinho tem o seu jeito, minha filha. Os cães ladram, os gatos miam, os passarinhos cantam...

– E nós?

– Nós viemos ao mundo para trabalhar e sofrer! – Dissera isso sem pensar e, então, arrependeu-se. Mas, no fundo, era isso: a vida havia se tornado trabalho e sofrimento, nada mais. Sorte de Sílvia que ainda podia sonhar e conversar com as borboletas, que não lhe respondiam.

VI – Uma tentativa frustrada

Depois de uma semana de viagem, cheguei em Éfeso. Segui todas as indicações do mapa, e, desta forma, não foi difícil encontrar a casa da família que deveria me receber. O nome do homem era Aristarco. Percebi que ele e as demais pessoas eram muito amáveis. Todos ficaram contentes em ter notícias de Filêmon e Ápia, dos quais percebi, eram bons amigos e conhecidos.

A casa era grande e bem arrumada. Respirava-se um clima de bondade e serenidade. Sobre uma mesa na sala, ao centro, estavam alguns livros e símbolos estranhos para mim.

Entreguei a eles a ajuda que Filêmon e Ápia haviam enviado para ser entregue a Paulo de Tarso. Havia alimentos, roupas, pergaminhos e material para escrita e também algumas moedas.

– Tenho que fazer os contatos para marcar uma data para a visita e então podemos entregar-lhe a ajuda. Paulo ficará muito agradecido – disse-me Aristarco.

– Eu posso ir junto? – perguntei. – Gostaria muito de conhecer Paulo de Tarso.

– Não haverá problemas. Se você puder ficar alguns dias conosco, pode vir junto comigo. Paulo ficará contente em poder conhecer um servo tão fiel e útil e que trouxe uma oferta tão generosa para ele.

No dia seguinte, soube que a visita à prisão estava confirmada para ser realizada dentro de uma semana. A notícia era boa também para os meus planos. Informei a

Aristarco que, enquanto esperava pela visita, iria aproveitar para conhecer a cidade de Éfeso e seu porto. Mas meu interesse era outro.

Passei pelo porto de Éfeso e recordei o dia em que passamos por ali como escravos recém-capturados. Agora havia pouco movimento no porto, e pude deslocar-me sem dificuldades. Foi deste lugar que fomos enviados para a construção da estrada, mas não deixei de recordar que, enquanto estávamos sendo conduzidos, um senhor baixinho se aproximou e fez orações em nosso favor.

Da entrada do porto, fui em direção à praça principal de Éfeso. Segui com cuidado algumas instruções e entrei em contato com um mercador de escravos. A princípio, mostrou-se muito simpático. Expliquei minha situação e acreditava que a maneira como havia estruturado o meu caso só podia dar certo.

– Trabalhei vários anos. Consegui economizar um bom dinheiro e agora estou querendo comprar a minha liberdade.

– E por que não a compra do seu patrão?

– Ele não quer e também não gostaria de me vender adiante. Foi ele mesmo que me mandou que procurasse outra possibilidade para conseguir a liberdade.

– Quanto você tem?

– Tenho 60 moedas, mas preciso da metade para fazer a viagem até minha terra. Ofereço 30 moedas.

– 60 moedas ou nada feito.

– 40 moedas!

– Está bem. Volte daqui a três dias e traga o dinheiro. Até lá farei toda a documentação, e você será um homem livre.

O homem que parecia bom, não era. Azar meu em ter acreditado num mercador de escravos. Quando cheguei, vi-me logo rodeado por seguranças que me tomaram o dinheiro.

– Mas e o nosso negócio? – gritei para o mercador.

– Você esqueceu que é um escravo fugitivo?

– Bom homem! Bom homem, tenha piedade de mim!

– implorei com lágrimas nos olhos. – Tenha piedade, pelo amor dos seus filhos!

O mercador teve por um instante aquela bondade que eu havia visto quando o vi pela primeira vez e se aproximou de mim. Pediu aos seguranças que se afastassem por um momento.

– Sabe que todo mundo me chama de homem mau aqui? Você é o primeiro a me chamar de “bom homem”, por isso, não vou ser tão cruel com você. Eu poderia devolvê-lo ao seu patrão e receber dele uma boa indenização pela sua captura. Poderia vendê-lo adiante e ganhar dinheiro com você. Nas minas estão precisando muito de escravos. Também eu poderia entregá-lo às autoridades, e iria para a prisão... Mas você me chamou de “bom homem” e, por isso, ofereço uma chance: volte para o seu patrão.

– Mas eu ia pagar pela minha liberdade.

– Seguramente é dinheiro roubado. Assim, eu ganho. Você ganha também, pois você poderia ter um destino pior. Aceite, por favor, volte ao seu patrão, porque, do contrário, qualquer das outras opções é um péssimo negócio, palavra de amigo...

– Que garantia eu tenho de que posso voltar?

– Tem minha palavra e minha proteção.

– Obrigado, “bom senhor”, – disse em meio às lágrimas, sem saber se era para abençoar ou maldizer o homem.

Cheguei à casa de Aristarco, que me recebeu muito feliz:

– Consegui a visita para amanhã. Paulo vai ficar feliz em nos ver.

– Que bom que eu posso ir – disse em meio à minha dor. Aristarco percebeu que eu não estava bem.

– O que aconteceu? Você está passando mal...

Desmaiei naquele instante. Pois só agora havia percebido que havia cometido o erro que não devia.

Acordei, nem sei quanto tempo mais tarde, e me dei conta de que estava deitado em uma cama confortável. Aristarco estava ao meu lado, e havia um médico cuidando de mim.

– Achei melhor mandar chamar Lucas. Ele é médico e nosso amigo.

– Não se preocupe – falou o médico – não é nada grave. É resultado de algum susto ou de alguma forte emoção. Deve ter tido uma experiência desagradável, não foi?

– Sim, foi isso. Mas gostaria de não falar sobre isso agora. Primeiro quero me encontrar com Paulo de Tarso, talvez ele possa me ajudar.

VII – O encontro com Paulo de Tarso

Chegamos à prisão, e Aristarco logo foi saudando o prisioneiro:

– A graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo estejam com você!

– Em com vocês também!

Então dei de cara com Paulo de Tarso.

– Este é um servo de Deus, que veio da parte de nosso amigo Filêmon e sua mulher Ápia, de Colossas, para trazer-lhe uma oferta agradável – apresentou-me Aristarco.

Paulo me abraçou como se fosse um velho conhecido.

– Graça e paz, meu irmão!

– Já nos vimos – respondi.

– Não me recordo de você. E olhe que eu tenho boa memória. Deixe-me ver... Onde foi que nos vimos?

– Você não poderá recordar-se. Há cinco anos, na primavera, no porto de Éfeso, um grupo de escravos estava sendo conduzido para ser vendido no mercado. Você se aproximou e olhou com compaixão para nós... Recordo seu gesto de bondade. Implorou ao seu Deus por nós. Guardei o seu olhar.

– Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo! – disse Paulo emocionado. – Recordo este dia, sim, eu queria me aproximar mais e então fui impedido pelos guardas.

– É verdade. Mas eu gravei o seu semblante. Quero agradecer-lhe por isso.

– Agradeça a Deus, nosso Pai.

Paulo e Aristarco pediram para que eu me afastasse um pouco. Vi que Aristarco lhe entregou a ajuda que eu

havia trazido e notei a alegria no rosto de Paulo. Erguia as mãos ao céu e agradecia a Deus.

– Como o Senhor é bom! – repetia a cada coisa que recebia. Entre os pertences recebidos havia também uma carta que ele abriu e leu.

– Venha cá, meu irmão! – chamou-me.

– Aproximei-me imaginando o que Filêmon poderia ter escrito de tão importante.

– Vamos ser companheiros.

– Por quê?

– Filêmon disse que me enviou o melhor dos seus servos e que posso dispor de você para o tempo que precisar. Disse-me que você é fiel e generoso e que me será muito útil. Como é mesmo seu nome?

– Na verdade, já nem sei qual é mesmo meu nome, pois eu tinha um nome que recebi de meus pais no nascimento, mas, na construção da estrada, mudaram. Para me vender, trocaram de nome de novo e, agora, na casa de Filêmon, tenho outro, mas não gosto dele. Imagino que agora terei outro.

– Onésimo! Gostou?

– Até que soa bem... – respondi.

– Você será Onésimo, que quer dizer útil. Será útil para mim, para Filêmon e para nosso Senhor Jesus Cristo.

– Então ficarei aqui preso também?

– Não. É um direito que eu tenho ter um escravo à disposição. Filêmon enviou o documento. Você pode sair e vir aqui sem problema.

– Mas... – Ia falar, no entanto, as palavras não saíram de minha boca.

– Não se preocupe. Será uma alegria, uma graça de Deus.

Aristarco avisou que precisava sair logo. Assim, eles ficaram conversando à parte. No meu canto, eu pensava na triste situação em que estava agora. Havia cometido um erro grave. Devia ou não contar isso a Paulo? Se eu informasse a ele que era um ladrão, seguramente me mandaria de volta a Filêmon ou me entregaria às autoridades. Se eu calasse, deveria prever que na casa de Filêmon já deviam ter descoberto o roubo e poderiam ter enviado alguém para verificar se além de roubar eu também tinha traído a confiança e não ter entregue a ajuda enviada. Em que confusão eu estava metido!

Passei a noite refletindo sobre tudo o que estava acontecendo. A figura de Paulo de Tarso não saiu da minha mente. Ele era uma pessoa alegre, um sábio, muito bondoso, porém, estava preso, apesar de que a prisão parecia não o incomodar em nada. Paulo estava preso, no entanto, era como se estivesse livre. Não o vi triste, nem reclamar de nada. Era como se aquelas grades não existissem. Transmitia uma alegria, uma paz que contagiavam.

No dia seguinte, quando cheguei de manhã, Paulo me abraçou com a mesma ternura e com o mesmo afeto do dia anterior:

– A graça e a paz de nosso Senhor Jesus Cristo, meu irmão!

Abracei-o também, mas nem sabia o que responder.

– Teremos a manhã toda para conversar. Já te falaram de Jesus Cristo?

– Certa vez, Hermes, o pedagogo de Alexandre, ficou doente, e eu o substituí por alguns dias. Enquanto eu o conduzia ao mestre, Alexandre gostava de conversar comigo sobre os sábios e as ideias que regem o mundo. Um dia, perguntei-lhe quem eram Paulo de Tarso e Jesus Cristo.

– E o que foi ele respondeu?

– Disse-me que Jesus Cristo não devia ser um sábio porque não conseguiu salvar a sua própria vida e morreu da forma mais horrível possível. E que os sábios caçoavam de Paulo de Tarso porque estava espalhando pelo mundo as ideias de um homem que nem conseguira salvar a própria vida e queria salvar o mundo.

– E o que você pensa agora?

– Bom, conheci Paulo de Tarso. Você me impressionou e agora sei que não é nada do que os sábios dizem. Estou percebendo que você é um homem de Deus.

– Os sábios gregos andam em busca de sabedoria. Nós anunciamos Jesus Cristo crucificado. A linguagem da cruz é uma loucura para eles, mas para nós é poder de Deus.

– Mas quem é mesmo Jesus Cristo?

Paulo olhou para o céu, respirou fundo. Senti que fazia uma oração, e ternamente começou a falar.

– Jesus Cristo é o Filho de Deus. Ele é o nosso Salvador. O Salvador de toda a humanidade... Inclusive de você, Onésimo.

– Acha que... – eu não sabia por onde começar. Deveria pedir que então Jesus me salvasse da escravidão e me libertasse para que eu pudesse voltar à minha família. Ou deveria pensar na questão imediata, contar meu roubo e evitar que me mandassem para a cadeia ou para as minas?

– Ele veio salvar toda a humanidade dos seus pecados, Onésimo.

– Afinal, quem Ele é, o que fez, onde está?

– Vou contar uma longa história. A história do projeto da salvação do nosso Deus. Há um único Deus verdadeiro, criador de todas as coisas e de todo o Universo. Ele

existe desde sempre e criou o ser humano para habitar na face da terra. Mas o ser humano caiu no pecado e se afastou do projeto de Deus. Por isso, o Senhor veio ao seu encontro. Chamou Abraão, nosso pai na fé, e com ele fez a Aliança e as promessas de que por meio dele seriam abençoadas todas as nações e todos os povos da terra. Tempos depois, os descendentes de Abraão se tornaram escravos no Egito, e Deus suscitou Moisés para libertar o povo da escravidão do faraó e conduzi-lo a uma nova terra onde corre leite e mel. Com o povo escolhido, ele fez a Aliança e deu-lhes uma Lei para que o povo se tornasse livre e fosse fiel ao seu Deus.

– E quem era este povo? – ousei perguntar.

– O povo judeu, também chamado Israel. O Senhor o escolheu não porque era o maior povo, mas foi uma escolha feita por amor. A este povo Deus enviou profetas que anunciaram que um dia as promessas seriam estendidas a todas as nações. Por meio dos profetas, o Senhor anunciou que enviaria seu Ungido, o Messias, que quer dizer o Cristo.

– Conheci um judeu, chamava-se Shamuel, ele me falou desta libertação da escravidão. Shamuel era muito religioso, foi escravizado comigo, depois nos separamos e hoje nem sei mais onde ele está... Desculpe, acho que estou atrapalhando sua história. Continue...

– Que o Senhor tenha misericórdia e proteja seu amigo Shamuel. A escravidão foi dura para Israel. Mas, se para o Senhor foi fácil libertar o povo da opressão do Egito, não foi fácil para Israel libertar-se das suas escravidões. Quando não se tornou escravo de falsos deuses estrangeiros, abandonando o Deus Verdadeiro, o povo não foi fiel à Aliança, tornou-se escravo de si mesmo, escravo da própria Lei que

o Senhor tinha dado para a sua libertação. Assim como os outros povos, Israel tornou-se escravo do pecado. O mundo todo, toda a humanidade, jazia sob o peso do pecado, da desobediência: Israel por não ter sido fiel à Aliança; as demais nações, por terem se escravizado a ídolos e não terem reconhecido o verdadeiro Deus presente e manifestado nas obras da Criação. Está entendendo?

– Certo, eu nunca acreditei nos deuses gregos e romanos, em suas imagens e cultos.

– Foi então, quando se cumpriu a plenitude dos tempos, que Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher, para redimir a humanidade e nos trazer a salvação, como havia prometido por meio das Escrituras e pela boca dos profetas.

– Foi então que nasceu Jesus Cristo... – interrompi.

– Sim. Deus nos deu o que tinha de mais precioso para que, por meio do Filho, recebêssemos gratuitamente a filiação divina e nos tornássemos herdeiros do Pai.

– E o que ele fez e ensinou?

– Jesus passou fazendo o bem e ensinando-nos a boa-nócia do Reino de Deus. As pessoas que se encontraram com ele mudaram de vida.

– Você o conheceu pessoalmente?

– Em pessoa, não. Tive um encontro com ele, mas isso eu vou lhe contar mais adiante. Ele conviveu com um grupo, cujos integrantes chamou de apóstolos. A estes transmitiu o conteúdo da sua mensagem. Homens e mulheres ouviram suas palavras e seguiram seus passos.

– E como terminou a sua vida aqui na terra?

– Ele, que era Deus, assumiu a nossa condição humana, tornou-se um de nós. Ele se esvaziou de sua grandeza e veio viver conosco. Mas as autoridades o mataram, pregan-

do-o no lenho da cruz, com a morte mais horrível que pode existir. Ele aceitou ser fiel à sua humanidade e fiel a Deus Pai, indo até o último instante, derramando seu sangue para o perdão dos nossos pecados e para a nossa salvação.

– Mas ele não foi capaz de salvar a si mesmo? É esta a acusação que ouço sobre ele.

– Ele poderia ter pedido a ajuda de Deus e ter-se livrado da cruz. Mas, não. Foi fiel até o fim e ofereceu esta morte como sacrifício para a expiação dos nossos pecados. Porém, a morte não teve a última palavra. No terceiro dia, o Pai o ressuscitou, e ele tornou-se o primogênito dos ressuscitados, para indicar que um dia também nós vamos ressuscitar com ele e como ele. Com isso, através do seu sangue derramado, ele redimiou e justificou a todos que, embora pecadores, aderem a ele por meio da fé.

– Mas como eu faço para aceitá-lo?

– É preciso que confesse com sua língua que acredita que Jesus Cristo é o nosso Salvador. É a adesão pela fé. Então você será batizado em seu nome. Depois, que passe a viver a vida nova que ele anunciou...

– Bem que eu gostaria de aceitá-lo, mas não sou digno dele.

– Por que pensa assim?

– Porque sou um ladrão!

– Roubou de quem e por quê?

– Na noite antes de partir, consegui entrar na casa de Filêmon e encontrei o recipiente com as moedas. Não foi difícil efetuar o roubo, uma vez que toda a família estava reunida na sala principal em orações. Escolhi as moedas de mais valor e ajeitei o recipiente de modo a não deixar nenhum vestígio aparente. Quando saí para cumprir a missão

que Filêmon me ordenara, sabia que estava saindo para não voltar mais. Mas deu tudo errado.

– O que foi que aconteceu?

– Quando tentei comprar minha liberdade, caí nas mãos de um mercador de escravos que me roubou o dinheiro. E aqui estou agora como um escravo fugitivo e que deve voltar ao seu patrão e ser punido por ele. Por isso, sou um ladrão, não posso aceitar Jesus Cristo. Eu não sou digno dele.

– Creia, meu irmão, que Jesus encontrou e perdoou pessoas que estavam em situações muito piores que a sua. Ele acolheu pecadores e marginalizados, teve compaixão de doentes e excluídos, usou de misericórdia com publicanos, cobradores de impostos (que em geral eram ladrões), leprosos, gente impura, prostitutas e tantos tipos de pessoas que a religião oficial excluía.

– Mas há também outra coisa...

– O que é?

– Não é esta salvação que você está me oferecendo que eu estou buscando.

– E o que busca então?

– Busco a liberdade que eu perdi. Quero voltar para minha família... É só isso que eu espero. Voltar a ser livre.

Paulo franziu a testa por um momento, olhou-me nos olhos e falou-me mansamente:

– Para que você quer esta liberdade, Onésimo? Há tantas pessoas que acham que são livres e são escravas de si mesmo. Meu povo tornou-se escravo de uma Lei. Uma Lei que veio para libertar e tornou-se uma Lei que separa irmãos de irmãos; que separa povos de outros povos por causa de uma raça... Eu mesmo busquei tanto

esta liberdade e não a encontrei. Só encontrei liberdade em Cristo Jesus.

– Mas hoje você não é um homem livre. Está preso!

– Preso por grades que não me dizem nada. Sou prisioneiro de Jesus Cristo e disso me orgulho. Hoje, eu sou feliz e alegre mesmo na prisão. Eu sou livre em meio às grades e correntes que não podem me prender. Foi para a liberdade que Cristo nos libertou!

– Posso até entender, porém você não deixou uma mulher e dois filhos, como eu deixei. É para eles que eu quero voltar.

– É isto que estou querendo lhe dizer, caríssimo Onésimo. Você vai voltar para eles, sim, mas a libertação que nós queremos lhe dar é bem maior. Além de você voltar para a sua família, você vai poder viver a vida nova de filhos de Deus!

– Está querendo me dizer que se eu aderir a Jesus Cristo ganharei também a liberdade? Não serei mais escravo?

– Temos que pensar nisso também. Daqui a três dias, virão aqui alguns dos irmãos, pois estamos tratando justamente deste problema de como lidar com a escravidão em nossas comunidades.

– Bem, tenho que ir...

– Sim, é hora. Volte aqui amanhã, e teremos muita coisa ainda para conversar.

VIII – O encontro com Jesus Cristo

Na manhã seguinte, enquanto eu me dirigia para a prisão, notei que uma borboleta me acompanhava. Recordei o dia em que saí da casa de Filêmon quando uma delas também viajava comigo. Naquele dia, tive a sensação de estar recebendo sorte. E era. Agora eu estava vendo o sinal, só que tudo havia acontecido de uma forma tão diferente de como eu havia planejado. A pequena borboleta, tão bela e cheia de cores que pousou sobre meu ombro, continuava a me dizer que os céus estavam derramando suas bênçãos e que logo alguma coisa boa iria acontecer.

Mais uma vez, Paulo me recebeu alegre e feliz. Isso me confortava. Um homem como ele poderia fazer sucesso na vida, ser bem-sucedido no comércio ou ser um sábio e mestre. Mas preferiu tomar um caminho que, em princípio, parecia uma loucura. Ao mesmo tempo, ele era uma pessoa feliz, alegre... Suas únicas preocupações eram as suas comunidades, as dificuldades dos missionários. A prisão não lhe fazia mal, antes confirmava sua convicção e sua decisão de seguir Jesus Cristo, anunciando o seu Evangelho. O único problema das grades, disse-me naquela manhã, era que elas o impediam de sair, caminhar, ir pelo mundo afora anunciando Jesus Cristo. Então aproveitava o tempo na prisão para anunciar, escrevendo suas cartas. Ou então se detinha para conversar com os presos e com os carcereiros.

Paulo não sabia o que era perder tempo. Todo momento e todo lugar eram para ele uma chance de falar de

Jesus, uma oportunidade para anunciar seu Nome. Repetia constantemente um refrão que o caracterizava: “Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!” (1 Cor 9,16).

E foi nesta manhã que Paulo me falou da sua experiência e do seu encontro com Jesus Cristo.

– Eu era fariseu e vivia obcecado pelo cumprimento da Lei em todo o seu rigor. Era considerado um judeu irrepreensível, que cumpria todos os mandamentos da Lei. Competia com meus colegas e era considerado um dos melhores. Com isso, esperava contemplar a glória de nosso Deus. Por causa deste zelo, tornei-me perseguidor da Igreja e dos seguidores de Jesus Cristo. Consegui conduzir vários deles, homens e mulheres, à prisão. Ia para qualquer lugar onde soubesse que havia alguém proclamando o nome e a mensagem de Jesus.

– Você estava preso a uma ideia... – falei.

– Isso mesmo. Preso e escravo da Lei, pois me dei conta de que ao mesmo tempo em que cumpria a Lei estava descumprindo-a. Eu matava em nome da Lei, quando ele próprio dizia que não se devia matar.

– E como foi esta mudança?

– No caminho de Damasco. Eu ia para lá com a finalidade de prender os seguidores de Jesus. Foi quando o Senhor Jesus me apareceu numa visão. Caí por terra, e uma luz forte me cegou totalmente. Então uma voz me chamou: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” Eu perguntei: “Quem és tu, Senhor?”, e a voz me respondeu: “Sou eu a quem tu persegues!”. Foi então que me dei conta de que lá do alto onde eu estava não iria nunca encontrar-me com a verdade e com Jesus. Foi necessário descer lá embaixo no

pó da terra. Eu, que achava que via e sabia tudo, estava cego e não via. Eu, que queria conduzir os outros, tive que ser conduzido.

– Foi este encontro que mudou sua vida?

– Sim, o encontro com Jesus. Assim como tantas pessoas que tiveram seu encontro com ele e mudaram.

– Filêmon também se encontrou com ele? Foi Jesus que mudou a vida dele?

– Sim, Ápia o trouxe até aqui e implorou que o salvasse. Ele sofria de depressão e tinha crises de loucura. Eu o fiz conhecer Jesus, e hoje ele mudou totalmente. É outro homem, você pode confirmar isso, não?

– Sim, ele voltou mudado daquele encontro. Depois disso é como se tivesse nascido de novo, nascido outro homem.

– E agora, meu irmão Onésimo, é a sua vez de encontrar-se com Jesus! – Paulo colocou suas mãos sobre a minha cabeça e orou profundamente por um longo tempo.

Senti uma sensação de bem e de bondade dentro de mim. Não era Paulo que me abraçava, era Outro, era Alguém que eu não conhecia, mas era como se eu na verdade conhecesse mais do que a mim. E uma voz dentro de mim me dizia: “Onésimo, meu filho querido!”. Abri os olhos, as lágrimas corriam pelo meu rosto, e olhei para Paulo, que estava muito emocionado:

– Sim, eu quero! Eu quero ser batizado e seguir Jesus Cristo, nosso Salvador...

O meu batismo foi realizado na casa de Aristarco, onde a comunidade costumava se reunir. Foi um momento importante, cheio de vida, cantos, seguido da fração do pão.

Recebi o batismo como um novo nascimento. Recordei a vida dura em Pátara e toda a minha história de escravidão, período marcado pelo sofrimento e pela saudade da minha família. Tirando os momentos de conversas com Shamuel e os dias em que conduzi Alexandre ao mestre, o que teria havido de bom? Somente o sonho e a esperança de um dia ganhar a liberdade. Porém, agora estava me dando conta de que era bem mais difícil do que eu imaginava. O plano traçado na saída da casa de Filêmon era uma estupidéz, isso eu reconhecia agora. Corri o risco de perder toda a liberdade para sempre. Poderia ter ido para a prisão ou para as minas e nunca mais ter voltado.

Mas fui salvo por graça de Deus! Paulo insistia nisso:

– Foi a graça de Deus que o salvou e o conduziu até aqui, meu filho!

E só sentia a dor de que o Apóstolo não estivesse presente naquela noite do meu batismo, pois ele era o grande responsável pela minha conversão. Por isso, Paulo costumava chamar-me de “meu filho”. Eu buscava servi-lo da melhor maneira possível. Gostava de escutá-lo, pois falava com convicção. Assim como eu sonhava com a liberdade, ele sonhava com este mundo novo que o Evangelho trouxe. Acreditava nisso: “Eu vivo para Cristo, e Cristo vive em mim!” – disse-me um dia.

Aos poucos, fui entendendo toda a proposta do Evangelho. Sempre que ia ter com Paulo, gostava de pedir-lhe esclarecimentos sobre algum ponto.

IX – Uma reunião importante

A reunião foi pela parte da manhã, e participaram Paulo, Timóteo, Lucas, Épafras, Marcos, Demas e Aristarco. O fato de Paulo de Tarso ser cidadão romano e não estar preso por assassinato, roubo e outros crimes mais perigosos, dava ao prisioneiro o privilégio de poder receber visitas.

Paulo me convidou para participar também, pois poderia ajudar nas discussões. Ele começou fazendo uma bela oração de ação de graças e, no final, orou por mim, por ter aceitado Jesus Cristo e fazer parte da Igreja.

– Por fim, louvo ao Senhor nosso Deus por ter-nos dado Onésimo como irmão da fé, que hoje está aqui conosco. Que o Senhor derrame muitas graças e bênçãos sobre ele e sua família. Amém!

– Amém! – repetiram todos os demais.

A reunião era para definir como as comunidades deveriam se comportar diante da escravidão. As opiniões nem sempre convergiam. Paulo coordenava as discussões e foi enumerando as várias possibilidades que a Igreja tinha para enfrentar o problema.

– Devemos entender que nas comunidades temos três tipos de pessoas. As pessoas livres, as pessoas que são senhores de escravos e as pessoas que são escravas.

– E não esqueçamos que há pessoas que são escravas de senhores que são cristãos, e outras de senhores que nem querem ouvir falar do nome de Jesus Cristo – falou Épafras.

– E há escravos que são cristãos, cujos senhores também são cristãos, e escravos que não são cristãos e cujos senhores são cristãos – acrescentou Marcos.

– E há situações em que somente um dos dois, o marido ou a mulher, é cristão – disse por sua vez Lucas.

– Eu vivi esta situação no início: Ápia era cristã, e Filêmon não era – falei citando meu próprio exemplo. – Mas depois, graças a Deus, Filêmon também se converteu.

Paulo puxou o assunto para si novamente e foi falando:

– O problema existe em todas as comunidades que surgem pelo mundo afora. A escravidão é a máquina que sustenta o império. É graças à escravidão que o império cresce e constrói obras grandiosas e movimenta todas as mercadorias e o comércio. Nas comunidades, perguntam-nos como devemos agir. Há casos e situações diferentes, como vimos acima. Também aqui podemos ter várias opções do que devemos fazer.

– A escravidão é um mal. Nosso Deus libertou nossos pais da escravidão do Egito, no passado. Viemos ao mundo para a liberdade. Jesus também veio para nos libertar – disse Marcos.

– Mas, se pregarmos a revolta dos escravos, nos matarão todos – disse Aristarco. – Seremos considerados logo uma religião ilícita e sofreremos a perseguição de Roma.

– E quem somos nós para acabar com a escravidão em todo o império que é tão grande? Na verdade, somos um punhado de pessoas em nossas pequenas comunidades – ponderou Lucas.

– E temos que pensar que muitos dos nossos líderes são senhores, e que, graças às suas casas e estruturas, pode-

mos nos reunir e nos movimentar através do império. Uma religião só de escravos não sobreviverá – falou Épafras.

– Posso concordar em parte – disse Marcos –, mas não nos esqueçamos de que devemos lutar pelo fim da escravidão, pois ela é contra os planos de Deus.

– E de que adianta libertar os escravos se todo o império é escravagista? Libertemos um escravo aqui hoje, e, saindo na rua amanhã, não terá onde trabalhar e acabará escravo novamente. Talvez em mãos de um patrão ainda pior, sobretudo se não é cristão – falou Demas, que até aquele instante havia ficado calado.

– Quando passo pelos portos e vejo aquelas levas de seres humanos sendo conduzidas ao mercado ou para os trabalhos, fico horrorizado e pensando o que Jesus faria se estivesse no meu lugar? – disse Paulo, balançando a cabeça. – São seres humanos vendidos como uma mercadoria, arrancados de seus lares, do lugar onde viviam...

Enquanto Paulo falava, fiquei recordando o dia em que tive que deixar meu lar, minha família... O dia em que perdi a liberdade. Uma lágrima correu sobre a minha face ao recordar de Fábria, Júlio e da pequena Sílvia... Como estariam agora? Paulo continuava falando:

– Quando vejo estes grupos de pessoas conduzidos a esta situação, parece-me estar vendo Jesus carregando a cruz... Há poucos dias, tive contato aqui na prisão com um escravo que fugiu das minas, e contou-me da situação degradante que é o trabalho lá. Muitos morrem de tanto trabalhar. Quando um morre, é substituído por outro como se troca uma peça numa máquina. Além do duro trabalho, há ainda a falta de liberdade total, como se os

seres humanos tivessem vindo ao mundo somente para trabalhar...

– Não esqueçamos da situação também das mulheres que são escravas e de que muitas delas sofrem os piores tratamentos por parte de seus patrões e suas senhoras – lembrou Lucas. – Quantas delas são arrancadas ainda jovens de suas famílias e entregues à prostituição!

– Poderíamos comprar a *manumissio* e libertar os escravos que se tornam cristãos – falou Aristarco.

– Mas onde iríamos arrumar dinheiro para isso? E os outros que não são cristãos? Temos que pensar neles também, pois são filhos de Deus – rebateu Paulo.

– É certo também que há diversos tipos de escravos. Alguns que exercem profissões nobres como médicos, secretários, pedagogos, copeiros... – voltou a intervir Épafras.

Houve um momento de silêncio como se todos na sala estivessem diante de uma situação sem saída. Paulo respirou fundo. Voltou-se para Timóteo, que até aquele instante não havia se manifestado:

– Timóteo, meu filho querido, o que você pensa de tudo isso?

– Um rio, por maior que seja, nasce sempre pequeno, numa fonte. E assim vai crescendo, vai se juntado a outros rios...

– O que quer nos ensinar com isso? – perguntou Paulo.

– Quero dizer que, se queremos acabar com a escravidão, é preciso começar aos poucos. A fonte são as nossas comunidades. É ali que a escravidão precisa acabar logo. Não faz sentido sermos todos batizados e não nos tratarmos

como irmãos. Começamos agora e um dia mudaremos o mundo.

A opinião de Timóteo foi importante, e foi a partir dela que Paulo conduziu as discussões, mas logo foi avisando que já estava chegando a hora de encerrar o nosso encontro, pois os guardas já haviam dado o sinal de que o horário permitido para a reunião já havia acabado.

X – A carta a Filêmon

Uma semana após a reunião, Paulo pediu que lhe trouxessem pergaminhos e material para escrever. Desta vez, não contou com ajuda de secretários, pois ele mesmo escreveu de próprio punho a carta, que não era muito longa.

No final do dia, chamou-me para conversar:

– Já decidi o que vamos fazer com você... – parou por um instante, olhou para mim e continuou: – Você vai voltar para a casa de Filêmon.

– Ótimo... Porém, será que Filêmon vai entender a situação? Como faço para lhe explicar?

– Escrevi uma carta para ele e nela peço que o receba de volta como um irmão e não mais como escravo.

– Não se esqueça do roubo. A estas alturas, ele já deve ter descoberto.

– Não se preocupe, pensei nisso, sim, e já escrevi o que ele deve fazer.

– Que o Senhor nos ajude para que dê tudo certo então...

Neste instante, chegaram Timóteo, Aristarco, Marcos, Demas e Lucas, que vinham da cidade. Épafras também veio juntar-se ao grupo. Paulo havia convocado todos eles para partilhar a decisão que havia tomado. Depois das saudações, ele informou que havia encontrado a solução para o meu caso e que queria usar isso como um caminho, isto é, um modelo de como as comunidades deveriam tratar a questão da escravidão.

– Irmãos amados, quero que vocês saibam o que escrevi nesta carta.

Depois, voltando-se para mim, falou:

– Sente-se aí, Onésimo, meu irmão. Vou ler a carta que escrevi para Filêmon.

¹ Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus, e o irmão Timóteo, a Filêmon, nosso muito amado colaborador, ² à nossa irmã Ápia, ao nosso companheiro de armas Árquipo, e à Igreja que se reúne na tua casa. ³ Graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

⁴ Dou sempre graças ao meu Deus, lembrando-me de ti nas minhas orações, ⁵ porque ouço falar do teu amor e da fé que te anima em relação ao Senhor Jesus e para com todos os santos.

⁶ Possa a tua generosidade, inspirada pela fé tornar-se eficaz pelo conhecimento de todo bem que nos é dado realizar por Cristo. ⁷ De fato, tive grande alegria e consolação por causa do teu amor, pois, graças a ti, irmão, foram reconfortados os corações dos santos.

⁸ Por isso, tendo embora toda liberdade em Cristo de te ordenar o que convém, ⁹ prefiro pedir por amor. É na qualidade de Paulo, velho e agora prisioneiro de Cristo Jesus, ¹⁰ que venho suplicar-te em favor do meu filho Onésimo, que gerei na prisão. ¹¹ Outrora ele te foi inútil; mas doravante será muito útil a ti, como se tornou para mim. ¹² Mando-o de volta a ti; ele é como se fosse meu próprio coração. ¹³ Eu queria segurá-lo comigo para que, em teu nome, me servisse nesta prisão que me valeu a pregação do Evangelho. ¹⁴ Entretanto, nada quis fazer sem o teu consentimento, para que a tua boa ação não fosse como que forçada, mas espontânea.

¹⁵ Talvez ele tenha sido retirado de ti por um pouco de tempo, a fim de que o recuperasses para sempre, ¹⁶ não como escravo; mas bem melhor do que como escravo, como irmão amado: muitíssimo para mim e tanto mais para ti, segundo a carne e segundo o Senhor. ¹⁷ Portanto, se me consideras teu amigo, recebe-o, como se fosse a mim mesmo. ¹⁸ E se

ele te deu algum prejuízo ou te deve alguma coisa, põe isso na minha conta. ¹⁹ Eu, Paulo, escrevo de meu próprio punho, eu pagarei... para não dizer que também tu és devedor de ti mesmo a mim! ²⁰ Sim, irmão, eu quisera mesmo abusar de tua bondade no Senhor! Dá este conforto a meu coração em Cristo.

²¹ Eu te escrevo certo da tua obediência e sabendo que farás ainda mais do que te peço.

²² Ao mesmo tempo, prepara-me também um alojamento, porque, graças às vossas orações, espero que vos serei restituído.

²³ Saudações de Épafras, meu companheiro de prisão em Cristo Jesus, ²⁴ de Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus colaboradores. ²⁵ A graça do Senhor Jesus Cristo esteja com o vosso espírito.

Lucas foi o primeiro a apoiar a carta:

– Muito bem, Paulo! Era isso que precisávamos. Um texto curto, mas bem objetivo. Filêmon não terá como não aceitar.

– Você pensou em tudo, caríssimo Paulo, – interveio por sua vez Marcos – inclusive na dívida que Onésimo tem. Ele não poderá usar isso para mantê-lo escravo. Eu só gostaria de saber como é que você vai pagar esta dívida? No entanto, a solução é genial.

– O mais importante é que a carta mude o modo como os senhores devem tratar os escravos. Aliás, não são mais escravos: são irmãos! – afirmou Timóteo que concordava com o Apóstolo. E a carta também estava em seu nome, pois Timóteo conhecia Filêmon e era testemunha da sua conversão e mudança de vida.

Épafras foi o único a discordar:

– Creio que estamos dando passos maiores do que as nossas pernas. Deveríamos ir mais devagar. O que é que o império fará conosco quando souber que agimos assim?

– Isso é problema do império. Nós temos um compromisso com nosso Senhor Jesus Cristo. É a ele que servimos e seguimos – retrucou Timóteo. – Assim estamos colocando em prática os ensinamentos que recebemos. Vamos começar devagar em nossas comunidades e, um dia, mudaremos o mundo, acabaremos de uma vez com todas as escravidões e opressões que existem.

– Devemos superar as diferenças que não ajudam na proposta de Jesus. De hoje em diante, não há mais homem ou mulher; judeu ou gentio; escravo ou livre... Somos todos iguais diante de Deus – exclamou Paulo.

– Paulo, em quanto tempo você acha que agindo assim acabaremos com a escravidão no mundo? – perguntou Marcos.

– Só Deus sabe quando chega o tempo certo. Há um tempo para tudo debaixo do céu. Espero que logo vejamos o fim de tudo isso. Porém, temo também que o tempo seja nosso inimigo...

– Por que pensa assim, Paulo? – perguntou Lucas.

– Temos experiência no passado. Também Israel era escravo no Egito e, depois de ser plantado na Terra Prometida, tornou-se opressor de outros povos e de seus próprios irmãos. Depois do grande e terrível exílio na Babilônia, o Senhor o reconduziu à sua terra, e o que os mais influentes fizeram na época de Neemias? Novamente oprimiram seus irmãos... Meu medo é que um dia em nome de Jesus Cristo alguém possa escravizar povos. Receio que em vez do sinal do batismo se marquem as pessoas com o sinal da escravidão...

– Deus nos livre de tal coisa! – afirmou Marcos. – Jesus Cristo deu sua vida para nos salvar; nós largamos tudo

e sofreremos para anunciar esta boa-notícia a todos os povos em todo o mundo. Ela deverá sempre ser uma mensagem de boa-nova, de esperança e nunca de injustiças e escravidão. Foi para a liberdade que Cristo nos libertou! Não é isso que você repete, amado Paulo?

– Que o Senhor Jesus Cristo o ouça!

Épafros voltou à carta, já que o assunto havia se distanciado um pouco:

– Estou aqui pensando, meus irmãos... Quem é que vai levar esta carta a Filêmon? Não podemos mandar Onésimo sozinho com ela. É preciso que haja alguma testemunha.

– Já pensei nisso, – disse Paulo. – Tíquico, nosso irmão e fiel colaborador, precisa ir mesmo para a região. Ele vai levar outra carta que também escrevi nestes dias. Estou concluindo a carta sobre as questões existentes na comunidade de Colossas. Ele levará as duas cartas (Cl 4,16). Desse modo, ele cumprirá duas tarefas ao mesmo tempo. Tíquico é pessoa de nossa inteira confiança.

Todos concordaram e marcaram o dia da nossa viagem e que seria também o dia em que, de fato, eu começaria a viagem em busca da minha verdadeira liberdade.

Uma semana depois, eu e Tíquico retornamos ao cárcere para buscar as cartas e receber as últimas recomendações. Antes de nos despedirmos, Paulo ainda nos deu algumas instruções:

– Por onde vocês forem, não se esqueçam de anunciar a mensagem de Jesus Cristo Crucificado, Vivo e Ressuscitado. Digam a todos os que se convertem que sigam Jesus e imitem seu exemplo, amando-se uns aos outros como ver-

dadeiros irmãos e que anunciem sempre mais e por todas as partes o nome do nosso Senhor Jesus Cristo.

Um abraço forte e sincero marcou nossa despedida. A imagem de Paulo algemado, crucificado com Cristo, mas livre e cheio de esperança, ficou para sempre na minha mente.

– Vão em paz, irmãos! – disse Paulo, enviando-nos em missão. Depois, olhando-me nos olhos, concluiu: – Onésimo, querido irmão que gerei nesta prisão, seja sempre útil e fiel discípulo de Jesus!

XI – A viagem de volta

Partimos quando ainda era escuro. Tíquico era diferente dos demais irmãos que eu conheci em Éfeso. Não tinha muita sabedoria aparente, muito menos o poder da palavra. Era quieto e tímido. Porém, eu sabia que ele gozava de boa reputação na comunidade, pois era zeloso nas atividades que lhe eram confiadas. Eu o tinha encontrado uma única vez. Agora, eu voltava em sua companhia.

Aos poucos, Tíquico foi revelando um traço característico da sua personalidade. Ele era muito místico, transmitia uma espiritualidade profunda. Encantou-se quando viu o sol nascer no horizonte. Parou, louvou a Deus fazendo uma oração tirada dos salmos. Depois, advertiu-me:

– Olhe os sinais de Deus, Onésimo!

– Onde? Quais sinais?

– Na natureza, na vida, na criação... Tudo é bom, é graça de Deus. Veja a beleza da árvore! No seu tempo, dá o fruto, que produz a partir dos nutrientes que retira da terra.

– Nem todas as árvores dão frutos – retruquei.

– Mesmo assim são belas e serviçais. Algumas árvores dão sombra; outras doam sua madeira, que serve para produzir os móveis; outras árvores abrigam os pássaros, que fazem ali seus ninhos e seu lugar de pousada...

Um pouco adiante, à beira do caminho, surgiu um belo riacho, motivo para Tíquico se encantar e fazer seu louvor ao Senhor:

– Mares e rios, bendizei o Senhor! Fontes e nascentes, bendizei o Senhor!

Tíquico fazia com que a viagem se tornasse mais bela e emocionante, pois em tudo percebia os sinais da presença de Deus:

– Pássaros do céu, louvai o Senhor! – exultou ele ao ver um bando de passarinhos que passou por nós. – Você não vê sinais de Deus na criação, meu irmão?

– Bem... Eu tenho certa dificuldade para perceber isso. Se aparecesse uma borboleta voando e nos acompanhando, creio que veria um sinal de Deus.

– Logo vamos vê-las, tenho certeza. Olhe lá, Onésimo, que belo rebanho! Sabe o que isso me faz pensar? Que o Senhor nosso Deus é nosso pastor. É isso que diz o salmo: “O Senhor é o meu pastor, e nada me falta... É Ele que me guia pelos caminhos mais difíceis”.

– Ouvi um irmão dizer que Jesus ensinou que Ele é o Bom Pastor.

– É verdade, foi um dos seus mais belos ensinamentos. O pastor cuida, protege e dá a vida pelas suas ovelhas. Não é como o mercenário que, quando surge o perigo, vai embora e abandona o rebanho.

Pouco depois, a estrada passava por um vale. Tíquico olhava para as montanhas e louvava a Deus:

– Como são belas as montanhas! Elas têm um fascínio. Dizem que Deus mora nas montanhas. Foi na montanha que Ele se revelou a Moisés.

– Na montanha do Sinai, foi o que me ensinou o Apóstolo Paulo.

– No Sinai, o Senhor fez a Aliança com seu povo. No monte Carmelo, o profeta Elias encontrou-se com o Senhor. Jesus várias vezes também subiu as montanhas para o encontro com Deus Pai.

– Eu também gosto de admirar as montanhas. Na minha terra, em Pátara, também existem várias e belas montanhas, – falei.

– Vou ensinar-lhe um salmo muito bonito que o povo reza quando vai ao Templo em peregrinação. Eu gosto muito dele e o sei de cor:

Ergo os olhos para as montanhas.
De onde virá o meu socorro?
Meu socorro vem do Senhor
que fez o céu e a terra.
Não deixará teu pé tropeçar,
o teu guarda jamais dormirá!
Sim, não dorme nem cochila
o guarda de Israel.
O Senhor é teu guarda, tua sombra,
o Senhor está à tua direita.
De dia, o sol não te ferirá
nem a lua de noite.
O Senhor te guarda de todo o mal,
Ele guarda a tua vida.
O Senhor guarda a tua partida e chegada,
desde agora e para sempre.

– Muito bonito este salmo. Vou aprendê-lo de cor assim como outros que já ouvi e que as comunidades rezam.

E assim prosseguimos seguindo nosso caminho. Tí-
quico buscava em todos os lugares sinais de Deus e ia repe-

tindo salmos ou frases de louvor: paisagens, animais, árvores, pássaros, pessoas... Tudo era um motivo para ele louvar e agradecer a Deus.

– Veja, meu irmão, como é belo caminhar com o Senhor!

– O estranho, meu caro Tíquico, é que tudo o que vimos agora já estava aí neste caminho quando eu vim e não percebi. A estrada que estamos fazendo é a mesma, mas não é somente a direção que é contrária. Agora me dou conta de que quando vim era como se estivesse cego e agora que estou retornando vejo a vida de um modo tão diferente.

– Comigo aconteceu o mesmo. Eu vivia uma vida sem sentido. Busquei a felicidade em tantos lugares, mas vivia triste e angustiado. Depois da minha conversão, mudei de vida. Passei a ver o mundo com os olhos de Deus. A vida é completamente diferente quando a olhamos com nossos olhos e interesses do que quando a contemplamos com o olhar do seu Criador!

E então Tíquico foi contando toda a história da sua mudança de vida. Havia tentado os estudos nas escolas de sabedoria e havia sido reprovado; procurou seguir as artes e foi rejeitado; quis seguir a carreira militar e não foi aceito devido ao seu estado físico. Desanimado de tudo, entregou-se à bebida e a uma vida devassa, até o dia em que, por acaso, encontrou-se com o Apóstolo Paulo. Este encontro, que ele considerava como fruto da graça de Deus, fez com que mudasse de vida. Era como se toda a sua busca por um ideal, por um projeto de vida, estivesse sempre perto dele e o buscasse de forma errada. Apaixonou-se por Jesus Cristo, abraçou sua causa, mudou de vida... Como era gostoso ou-

vir o relato que ele fazia recordando o passado, porém muito mais gratificante era viajar com ele, estar perto de uma pessoa que transmitia paz e serenidade em todos os momentos e que via a presença de Deus em todos os sinais que surgiam à beira do caminho. Tíquico era uma pessoa realizada, feliz e que não tinha medo de nada.

Em certo momento da viagem, enfrentamos dificuldades quando um grupo de malfeitores tentou nos assaltar. As estradas eram desprotegidas e inseguras, e isso favorecia a ação de bandos de saqueadores. Tíquico manteve a calma e, com a suavidade da sua voz convenceu os ladrões de que não tínhamos tesouros. Falou-lhes com bondade de tal modo que nos deixaram em paz. Depois lhe perguntei:

– Você não sentiu medo?

– “Quem poderá nos separar do amor de Cristo? Nem doença, espada ou morte! Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (cf. Rm 8,31-35).

– Belas frases! – respondi.

– Não são minhas. Foi o Apóstolo Paulo que me ensinou. Eu procuro vivê-las no dia-a-dia. Se Jesus foi fiel e carregou sua cruz até o final, sem esmorecer; se Ele venceu o pior dos inimigos que é a morte, do que devemos ter medo? Esta é a nova vida, a vida do seguidor de Jesus Cristo. Viver sem medo, viver como pessoas novas, que vivem na certeza da salvação, da ressurreição.

– Preciso aprender a viver deste modo... Estou somente dando os primeiros passos.

– “Tudo posso naquele que me fortalece!” (Fl 4,13). Esta é a frase de Paulo que mais gosto de repetir e viver.

Viajar desta forma fez com que o tempo passasse rapidamente e a viagem tivesse mais sentido. Quando passamos pelo vale, recordei-me de que foi justamente neste local que na vinda surgiu a borboleta.

– Veja, Tíquico, a borboleta!

– Borboletas, bendizei o Senhor! – exultou Tíquico vendo que eram várias que estavam ali.

– Minha mãe me ensinou que as borboletas trazem sorte.

– Sei disso. É um ditado antigo. Mas, para mim, as borboletas recordam os anjos de Deus. Em cada lugar a que formos, há sempre um anjo de Deus que nos acompanha e nos protege.

XII – Na casa de Filêmon

Nossa chegada à casa de Filêmon, Ápia e Árquipo foi um motivo de muita alegria, contudo eu temia a reação deles. A conversa imediatamente girou ao redor de Paulo. Eles queriam saber onde e como estava, qual era o seu estado de ânimo. Tíquico respondia as perguntas mais do que eu, e isso me deixava mais tranquilo.

– Paulo está bem porque é um homem que sabe o que é ser livre. Nenhuma cadeia vai lhe tirar a liberdade. De um lado, ele sabe ser livre mesmo estando num cárcere e vivendo a liberdade dos filhos de Deus. De outro lado, sabe aproveitar este tempo de prisão. Paulo reflete, pensa, coloca as ideias em ordem. Ele evangeliza tão bem quando está preso como quando está livre. Fala de Jesus Cristo aos presos e aos carcereiros. Todos o ouvem com prazer, procuram-no para ouvi-lo, pedir conselhos e saber mais sobre a boa-nova de Jesus. Ao mesmo tempo, escreve e comunica-se com as comunidades. Não faria isso se estivesse fora, pois não teria o tempo para evangelizar e ao mesmo tempo refletir e escrever.

– Isso é importante e é uma mensagem também para nós saber aproveitar bem cada instante da vida. Não importa onde estamos, podemos sempre fazer o bem, falar de nosso Senhor Jesus Cristo. – falou Ápia.

– Conseguiu entregar tudo o que enviamos? – interveio Filêmon dirigindo-se a mim.

– Sim, entreguei à comunidade, que levou tudo até ele. Paulo não cansou de louvar a Deus, mandou dizer que está muito agradecido e que recebeu tudo como dádivas de Deus, – respondi, esperando o momento certo que Tíquico queria. E ele chegou sem que fosse necessário forçar a situação.

– Paulo escreveu alguma coisa para nós? – pediu Ápia.

– Sim, e é sobre isso que devemos conversar e foi por isso que eu vim junto. Paulo fez questão que eu acompanhasse Onésimo...

– Quem? – perguntou Filêmon.

– Onésimo foi evangelizado por Paulo e já foi batizado. O Apóstolo fez questão de dar-lhe um nome novo: “Onésimo” porque lhe foi muito útil e também porque espera que continue sendo útil para vocês.

Houve um momento de alegria misturada com emoção. Todos nos abraçamos e nos sentimos irmãos. Creio que era isso que Tíquico queria, isto é, criar um ambiente favorável para a leitura da carta.

– Temos outra carta que devemos entregar à comunidade de Colossas, criada por Épafras... E temos uma carta também para vocês.

– Graças a Deus! O irmão Paulo lembrou-se de nós! – agradeceu Ápia. – Gostaria que fizéssemos uma oração para escutar o que o Senhor quer nos dizer através desta mensagem.

Então nos colocamos com as mãos elevadas e invocamos sobre nós e sobre este momento a presença do Espírito Santo. Tíquico conduziu a oração dando graças e louvores pela nossa boa viagem, pelo reencontro, pela perse-

verança de Paulo e seus companheiros que sofriam presos por causa do Evangelho.

Depois nos sentamos, e então Tíquico leu a carta. A primeira parte era a saudação e a ação de graças. Vi as lágrimas correrem pelo rosto à medida que as palavras de Paulo falavam da sua alegria e consolação pelo gesto bondoso de Filêmon em ajudá-lo.

Tíquico respirou profundamente, fez uma pausa. Então leu a parte principal da carta que falava a meu respeito. Filêmon e Ápia escutavam com atenção, às vezes entreolhavam-se. Quando Tíquico terminou de ler esta parte, houve um silêncio, e Filêmon interveio:

– Por favor, irmão Tíquico. Leia mais uma vez e pausadamente esta parte.

Tíquico leu novamente, desta vez era como se saboreasse cada palavra escrita para fazer com que ela produzisse o objetivo com o qual havia sido escrita. Ao final, Filêmon nos fez um pedido.

– Meus irmãos, o assunto no qual Paulo toca é muito sério. O que ele nos pede é algo que interessa muito a toda minha família. Gostaria que nos deixassem por um momento, pois queremos refletir em família sobre o que Paulo nos pediu.

Antes de sair, pedi a palavra:

– Nós vamos sair, sim, mas antes gostaria de dizer a vocês da mudança que ocorreu em minha vida com o meu encontro com o Senhor Jesus Cristo. Paulo falou-me do que é ser cristão e da importância do perdão. Por isso, quero humildemente – e então me ajoelhei – pedir perdão pelo meu erro, por ter roubado o valor que, infelizmente ou por

graça de Deus, perdi. Hoje não tenho como restituir o que devo e, por isso, quero pedir o vosso perdão.

– É claro que lhe daremos o nosso perdão, – antecipou-se Ápia. – Mas, no momento, pedimos que nos deixem a sós.

Ficamos do lado de fora e aguardamos cerca de meia hora. Tíquico mantinha-se sereno, místico que era manifestava sua confiança.

– Vai dar tudo certo, meu irmão.

Enquanto esperávamos, chegou Alexandre, que vinha do seu estudo acompanhado de Hermes, o pedagogo. Correu para abraçar-me. Vi que estava feliz por encontrar-me novamente.

– Tenho uma novidade – falei. – Encontrei Paulo de Tarso. Não é nada daquilo que dizem os mestres, nem do que pensam de Jesus de Nazaré...

– Eu sei disso. Minha mãe me falou deles. Também tenho uma novidade: fui batizado!

– Eu também fui. Agora me chamo Onésimo...

– Sim, agora somos irmãos!

Nisso chegou Ápia e nos convidou para entrar. Foi ela mesma quem conduziu a conversa:

– Irmãos, o que Paulo nos pede não é fácil. É uma mudança radical de vida. É certo que há tempos já estamos tratando melhor os nossos escravos. Mas o que ele nos pede é um passo adiante. Nós acreditamos em Jesus, abraçamos a fé, assim como Ele também abraçou a sua cruz. Se Ele foi fiel até o fim, nós também teremos que fazer a nossa parte. Decidimos que vamos aceitar tudo o que o Apóstolo Paulo nos pediu.

A notícia foi boa e causou uma grande alegria. Todos nos abraçamos emocionados e, mais uma vez, agradecemos ao nosso Deus e por tudo o que Ele fez por nós.

– Hoje à noite, a comunidade vai se reunir aqui em casa novamente. Será uma grande alegria podermos ler a carta de Paulo, pois ela é dirigida não só a nós, mas também à Igreja. E, ao mesmo tempo, haverá alegria pela participação de Tíquico e de Onésimo, nosso novo irmão – comunicou Ápia. – Amanhã cedo, deveremos ter outras decisões importantes. Que o Senhor derrame sobre nós a sua graça e o seu amor!

XIII – Sonhos e borboletas

Esta devia ser mais uma manhã como as outras em Pátara. Sílvia acordou cedo como nas demais manhãs, porém mais triste. Enquanto a mãe se preparava para deixar tudo em ordem na casa e sair para o trabalho, ela confidenciou:

– É a terceira noite que eu não sonho... Por que será que o meu anjo não vem mais?

– É porque você está ficando grande, e este tipo de sonho é só de criança.

– Então, o papai não vai mais voltar?

– Deve ser isso mesmo. Ele não volta mais, nem você terá mais sonhos.

– Por que a vida é assim?

– Porque nós viemos ao mundo para trabalhar e para sofrer. Só por isso. Agora deixe a sua mãe trabalhar em paz, – respondeu a mãe com raiva. Era sempre assim quando lhe vinham estes pensamentos ruins, acabava descarregando sobre os outros. Depois se arrependia. Foi assim também desta vez. Logo que saiu de casa, andando rapidamente, recordou-se dessas palavras duras contra a filha. Ela devia transmitir esperança à menina, apesar da dura situação em que viviam e do marido que não havia voltado. Devia admitir que em seus projetos já acreditava que ele nunca mais voltaria.

Fábia deu-se conta de que estava atrasada, apurou o passo. Sentia dores no corpo em consequência da noite mal dormida. O trabalho fora e em casa estava acabando com sua vida. Lembrou-se do que havia dito a Sílvia. Vivia para

trabalhar e para sofrer. Trabalhar e sofrer eram o resumo da sua vida. Pensou então no marido. Onde andaria? Como seria seu trabalho? E os seus sofrimentos? Por que a vida devia ser assim?

Sílvia ficou sozinha como nas demais manhãs. Brincava sozinha. Seguiu rigorosamente os conselhos da mãe. Não saía de casa. Não conversava com estranhos e pensava nas palavras da mãe. A vida podia ser melhor. Mesmo se viéssemos ao mundo só para trabalhar e sofrer, às crianças, devia ser dado pelo menos o direito de sonhar. Mas os sonhos não vinham há três noites, e o anjo devia ter ocupações mais importantes e, por isso, a deixou.

Sílvia pensava nisso quando ouviu alguém chamar. Foi até a frente da pequena casa e notou a presença de três pessoas estranhas. Recordou-se do pedido da mãe e teve cuidado ao atender. Eram dois homens e uma mulher.

– É aqui que mora a Fábria e que tem dois filhos: Júlio e Sílvia? Sua mãe está?

– Não está. Foi trabalhar. Quem são vocês e o que querem? – perguntou com medo. Segundo a mãe, ela deveria sempre desconfiar de pessoas estranhas que vinham pedir informações. Poderiam ser espiões a serviço dos traficantes de escravos.

– Somos de paz. Você é a Sílvia?

– Sim... Por quê?

– Queremos falar com sua mãe. Ela está?

– Não. Só volta à noite. Ela está trabalhando fora...

– O que você estava fazendo?

– Brincando..., mas hoje estou triste, nem brincar direito eu consigo.

– Você é tão linda... – falou a mulher. – Podemos conversar um pouco?

– Minha mãe pediu para não conversar com pessoas estranhas.

– Eu sei. Ela tem razão. Nós vamos esperar até ela chegar. Temos um assunto importante para tratar com ela.

– Ela é bastante parecida com o pai, – falou o mais novo dos dois homens que haviam chegado, olhando para a mulher.

– Vamos brincar? – convidou o outro rapaz.

– Como é teu nome? – perguntou a menina.

– Tíquico... Do que você gosta de brincar?

– Gosto de brincar de anjos. Faço anjinhos de folhas de plantas, de penas de passarinhos ou de borboletas mortas.

– Você mata as borboletas para fazer anjinhos?

– Não! Minha mãe ensinou que não se deve tratar mal as borboletas, pois elas trazem sorte. Às vezes, eu encontro uma que morreu e faço ela se transformar num anjo.

– Bonito! – exclamou Tíquico. – E o que os teus anjinhos fazem?

– Cuidam das pessoas. Venha ver meus anjinhos...

– E como se chamam?

– Este é o “Anjo Bom” cuida da mamãe enquanto ela trabalha. Este outro se chama “Amigo”. Ele protege o meu irmãozinho que está trabalhando também. “Estrelinha” é o anjo menor, é ele que toma conta de mim. Este outro aqui ainda não tem nome, mas é ele que cuida do papai enquanto está longe. Ainda não consegui achar um nome para ele. Mas ele é muito bom. Todas as noites eu sonho com ele e sinto que ele segura papai entre as suas mãos e o protege das pessoas ruins...

– Posso dar um nome para ele?

– Qual?

– Jesus de Nazaré!

– Este não é nome de anjo...

– Eu sei. Mas é ele que cuidou e continua cuidando do seu pai.

– Como você sabe?

– Eu vou contar uma longa história e dizer quem é Jesus.

Tíquico então falou da vida de Jesus, da sua mensagem. Depois falou do pai de Sílvia, onde e como ele estava. Por fim, abraçou a menina e lhe disse:

– Logo, logo você vai poder abraçar seu papaizinho assim. Tenha certeza!

O sol começava a se pôr no horizonte, e Sílvia sabia que era a hora da mãe chegar do trabalho. De fato, avistou ao longe o vulto da mãe que voltava e saiu correndo ao seu encontro. A princípio, Fábria pensou em algo ruim, alguma desgraça deveria ter acontecido para que a menina viesse encontrá-la assim às pressas.

– O que foi, minha filha? – perguntou quando esta se aproximava.

– Papai vai voltar!

– Antes você sonhava dormindo e agora sonha de dia? O que está acontecendo com você, minha querida? – disse acolhendo a menina que se abraçou a ela. – O que foi?

– Lá em casa estão três pessoas e disseram que o papai vai voltar.

– Filha, eu pedi para você não falar com pessoas estranhas... Podem ser pessoas más.

– Não, mãe, são pessoas boas.

Quando a mãe e a filhinha chegaram em casa, lá estavam uma mulher e dois homens esperando por elas.

– Quem são vocês?

– Somos de paz. Eu me chamo Ápia, este é meu filho Árquipo e este é nosso irmão Tíquico.

– De onde vocês são e o que querem?

– Somos de Colossas. Viemos trazer a notícia de que seu marido está bem, mora conosco e logo vocês vão poder se encontrar com ele.

– Se é assim, por que então ele não veio? Continua escravo?

– Ele não poderia vir sozinho a esta região, pois seria considerado um escravo fugitivo e poderia ser capturado novamente. Nós viemos aqui para buscar vocês para que possam ir se encontrar com ele.

– Como posso ter certeza de que tudo isto não é uma armação para nos escravizar também? Como posso acreditar em vocês?

– Sei que você tem razão, – afirmou Tíquico. – Por isso, antes, queremos lhe falar de Jesus Cristo.

– Quem é ele?

– Para Sílvia, dissemos que Jesus é o anjo que lhe aparecia sempre em sonhos e que cuidava do seu papaizinho querido. Para nós, Jesus Cristo é o Salvador do mundo, o Filho de Deus.

Desde o princípio, transmitiu-lhe a boa-notícia do Reino. Falou-lhe do Apóstolo Paulo e o seu encontro com Onésimo. Este era o novo nome do seu marido, agora batizado e seguidor de Jesus Cristo e que estava esperando por eles na casa de Filêmon para recomeçar uma nova vida.

XIV – Aprender com as quedas

Os dias passavam, e, numa certa manhã, Filêmon me chamou para conversar. Percebi que estava bastante ansioso.

– Conte-me, Onésimo, como foi que você perdeu o dinheiro e o que mesmo lhe aconteceu em Éfeso quando você caiu nas mãos dos agiotas...

Achei estranho ele tocar neste assunto, pois pensei que já estivesse resolvido de uma vez por todas e que a dívida já não existisse mais. E, se ainda persistia, segundo a carta, ela seria paga pelo Apóstolo Paulo. Por isso, cocei a cabeça procurando encontrar e medir as palavras, pois poderia me comprometer e estragar tudo. Também não poderia arrumar algum problema justamente porque já estávamos esperando pela volta de Ápia, Árquipo e Tíquico.

Quando ia responder, Filêmon antecipou-se, pois havia percebido o meu embaraço:

– Não se preocupe. Não estou querendo cobrar a dívida, nem exigir explicações.

– O que quer então?

– Quero entender o que aconteceu. Quero aprender com você, Onésimo. Depois que eu consegui me libertar dos problemas que eu tinha e viver esta vida nova, estou aprendendo lições. Uma delas é que nunca devemos ficar nos preocupando como foi que caímos. As quedas fazem parte da nossa vida, mas se ficarmos reclamando delas, nunca tiraremos lições. Porém, se refletirmos sobre as que-

das, elas podem nos ensinar. O importante não é a queda ou como foi que caímos. O que vale mais, o que conta mesmo, é como conseguimos nos erguer. É saber de onde fomos capazes de nos levantar. É saber quem foi que nos ajudou a sair do chão...

Percebi que a intenção de Filêmon era verdadeira, então, olhei para ele sorrindo.

– De fato, eu caí, e esta queda parecia ser o fim de toda a minha vida e também o fim do sonho de conquistar a liberdade que eu tanto havido sonhado.

– Eu sei disso. Também caí várias vezes, mas consegui finalmente superar toda a minha crise. Paulo caiu e foi lá de baixo que conseguiu encontrar-se com Jesus e tornar-se o grande Apóstolo que é hoje.

– Tíquico me contou que Jesus Cristo caiu várias vezes durante o caminho do Calvário carregando a sua cruz.

– Você tem razão. Jesus conseguiu levantar-se, foi perseverante e fiel até o fim. Também Ele precisou de ajuda.

– Sim, enquanto estive em Éfeso, Lucas certa vez contou-me que Jesus precisou de ajuda para carregar a sua cruz e teve o auxílio de um homem chamado Simão de Cirene (cf. Lc 23,26).

Foi então que lhe contei toda a minha história, desde como roubei as moedas, a minha viagem, as borboletas à beira do caminho e todos os fatos acontecidos em Éfeso.

– Veja, Onésimo, como devemos aprender mesmo com os fatos negativos. Se não tivesse acontecido tudo isto, talvez hoje nós não estaríamos aqui conversando e esperando pela sua esposa e pelos seus filhos.

– Quando será que eles vão chegar? – perguntei.

– Quando as borboletas voarem, – riu forte Filêmon. – Tenho uma santa impressão de que amanhã eles estarão aqui conosco.

* * *

De fato, quando o sol já estava quase se pondo no horizonte, escutei Filêmon me chamando:

– Onésimo! Venha, venha! Eles estão chegando...

Saí em disparada e fui ao encontro do grupo que vinha chegando. Filêmon também veio correndo. A emoção tomou conta de todos nós. Abracei Fábria, que chorava.

– Então é verdade! – disse ela. – Sabe que vim desconfiando. Quase não podia acreditar que tudo isso era verdade. Como Deus é bom!

Fábria havia mudado um pouco nestes cinco anos. As marcas do sofrimento estavam em seu rosto. Imaginei o que teriam sido estes anos trabalhando tanto! Alguns cabelos brancos já apareciam. Então nos olhamos e, com carinho, nos abraçamos e nos beijamos depois de tanto tempo.

– Você envelheceu – disse-me sorrindo.

– Foram os anos na construção da estrada, duros e longos anos...

Sílvia pulou nos meus braços. Como ela havia crescido! Quando a deixei, estava no colo da mãe, ainda não podia andar.

– Que bom que vocês estão aqui! – exclamou Filêmon. Saudou a esposa, o filho e também Tíquico. Ápia apresentou-o:

– Este é Filêmon, meu esposo.

– Obrigada pelo que fez a meu marido e agora por todos nós.

– É a Deus e ao nosso Senhor Jesus Cristo que devemos agradecer. Por sua graça é que estamos hoje aqui celebrando a alegria de viver como irmãos e viver uma nova vida.

– E o Apóstolo Paulo? – perguntou Fábria.

– Continua na prisão, infelizmente... Mas tenho certeza de que brevemente será libertado. O quarto dele está arrumado. Espero que qualquer dia destes ele irá aparecer por aqui.

– Queria tanto conhecê-lo. Quanto bem ele faz...

– Venham todos! – falou Filêmon. – Entrem! Devem estar cansados da longa viagem.

À noite, a casa de Filêmon ficou cheia de gente. A Igreja que se reunia em sua casa estava toda ali. Todos os irmãos vieram festejar o retorno de Ápia, Árquipo e Tíquico. Vieram conhecer os novos membros da comunidade, e foi nesta noite que Fábria, Júlio e Sílvia receberam o batismo. Ápia fez questão de batizá-los quando houvesse cumprido a promessa de trazê-los todos até Colossas.

Na celebração, coordenada por Ápia, Tíquico fez questão de recitar um hino sobre Jesus Cristo que havia aprendido com Paulo:

Ele, estando na forma de Deus,
não usou de seu direito de ser tratado como um deus,
mas se despojou
tomando a forma de escravo.
Tornando-se semelhante aos homens

e reconhecido em seu aspecto como um homem,
abaixou-se
tornando-se obediente até a morte,
à morte sobre uma cruz.
Por isso, Deus soberanamente o elevou
e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome,
a fim de ao nome de Jesus todo joelho se dobre
nos céus, sobre a terra e sob a terra,
e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo
para a glória de Deus Pai.
(Fl 2,6-11)

O texto foi lido duas vezes. Depois, refletimos sobre o que queria nos dizer e ensinar. Muitas pessoas presentes comentaram. Em seguida, celebramos a vida nova que estava começando com muita alegria.

Sílvia assistia a tudo sentada no meu colo. No final, perguntou-me:

– Por que Jesus não veio na nossa festa esta noite? Nos meus sonhos, Ele sempre carregava você nos braços. Onde Ele está agora?

Fiquei um tanto embaraçado. Não sabia como responder. Vi Tíquico ao meu lado e resolvi pedir ajuda.

– Ele sabe mais do que eu... Pergunte a ele.

– Querida Sílvia, sabe onde está Jesus? Ele está dentro do seu coração! No coração de cada um de nós. E sabe o que Ele disse um dia aos seus discípulos?

– O que foi? – perguntou Sílvia com curiosidade.

– “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles!” (Mt 18,20).

– Então Ele estava aqui esta noite?

– Sim. Nossos olhos não O viam fisicamente, mas a nossa fé nos ensina que Ele está presente. Sabemos que outra vez também Ele nos ensinou: “Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!” (Mt 28,20).

Enquanto nos dirigíamos para o quarto, Alexandre passou por mim e me abraçou.

– Hermes está cada dia mais doente, e meu pai acha que ele não tem mais condições de caminhar todos dias. Meu pai vai pedir para você me levar ao mestre.

– Serei seu pedagogo?

– Não. Você será o irmão que me conduz. As coisas mudaram... – e Alexandre sorriu.

– Vamos ter muitas coisas para conversar pelo caminho!

– Sim. Vamos conversar muito sobre Jesus Cristo, Paulo de Tarso e sobre a escravidão...

CONCLUSÃO

Alguns anos mais tarde, o Apóstolo Paulo, já libertado da prisão de Éfeso e em sua terceira viagem missionária, tomou a resolução de ir para Jerusalém, saindo da Macedônia e Acaia, passando por Éfeso (At 20,21ss). Nesta viagem, Paulo passou também por Pátara (At 21,2). Enquanto ia se aproximando da cidade, lembrou-se de que ali era a terra onde nasceu Onésimo e exclamou:

– Onésimo! Onésimo, meu filho que gerei na prisão!
– procurando imaginar onde estaria ele agora e o que teria sido feito dele e da sua família.

Em Jerusalém, Paulo foi preso e encaminhado para Cesareia onde permaneceu algum tempo, até ser enviado a Roma para ser julgado por César. Depois de vários dias, o navio que o conduziu passou por Mira (At 27,5-6), cidade vizinha a Pátara. Ao atracar no porto, Paulo pôde ver um navio carregado de escravos. Olhou para aquela multidão de gente triste e indefesa. As pessoas eram conduzidas como ovelhas ao matadouro, e recordou-se do dia em que no Porto de Éfeso também viu um grupo de escravos e conseguiu chegar perto e rezar por eles. Naquele grupo, estava Onésimo. Desta vez, não podia se aproximar. Porém, mesmo algemado, de longe, estendeu as mãos em direção aos escravos e implorou:

– Oxalá vocês tenham a mesma sorte de Onésimo!


Depois, abençoou-os dizendo:

– Que a graça e a paz de nosso Senhor Jesus Cristo e o amor de Deus, nosso Pai, estejam com todos vocês.

REFERÊNCIAS

- BARBAGLIO, G. *As Cartas de Paulo I*. São Paulo: Loyola, 1989. (Coleção Bíblica 4).
- BARBAGLIO, G. *As Cartas de Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1991. (Coleção Bíblica 5).
- BÍBLIA PORTUGUÊS. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2004.
- BORTOLINI, J. *Como ler a Carta a Filêmon*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BORTOLINI, J. *Introdução a Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Paulus, 2001.
- BOSH, J. S. *Escritos Paulinos*. São Paulo: Ave Maria, 1998. (Coleção Introdução ao Estudo da Bíblia 7).
- CARREZ, M.; DORNIER P.; DUMAIS, M.; TRIMAILLE, M. *As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. São Paulo: Paulus, 1987.
- CERFAUX, L. *Cristo na Teologia de Paulo*. São Paulo: Editora Teológica/Paulus, 2003.
- CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB). *Viver e Anunciar a Palavra*. As primeiras comunidades. São Paulo: Loyola, 1995. (Coleção Tua Palavra é Vida CRB 6).
- DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- FABRIS, R. *As Cartas de Paulo III*. São Paulo: Loyola, 1992. (Coleção Bíblica 6).

- FABRIS, R. *Para ler Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996.
- KAESEMANN, E. *Perspectivas Paulinas*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- LEGASSE, S. *A Epístola aos Filipenses e a Epístola a Filêmon*. São Paulo: Paulinas, 1983. (Coleção Cadernos Bíblicos 30).
- MCKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2002.
- MESTERS, C. *Paulo Apóstolo, um trabalhador que anuncia o Evangelho*. São Paulo: Paulus 2004.
- MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo de Tarso*. História de um Apóstolo. São Paulo: Paulus/Loyola, 2007.
- PESCE, M. *As duas fases da pregação de Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996. (Coleção Bíblica 19).
- SACCHI, A.; COLLABORATORI. *Lettere Paoline e altre Lettere*. Torino: Elle Di Ci, 2002. (Logos 6).
- SAMPLEY, J. P. (Org.). *Paulo no mundo greco-romano*. Um compêndio. São Paulo: Paulus, 2008.
- SCHNELLE, U. *A Evolução do Pensamento Paulino*. São Paulo: Loyola, 1989. (Coleção Bíblica 27).
- SÖDING, T. *Tríade: Fé, Esperança e Amor em Paulo*. São Paulo: Loyola, 1992. (Coleção Bíblica 34).



Nas primeiras comunidades cristãs, um problema concreto a ser enfrentado era a escravidão, pois muitas comunidades eram formadas, ao mesmo tempo, por escravos e por senhores proprietários de escravos. Esta convivência nem sempre era pacífica, por vezes gerava tensões. Os critérios evangélicos exigiam igualdade, partilha e convivência fraterna entre irmãos.

É a Carta a Filêmon, a menor das Cartas de Paulo, que irá oferecer uma tentativa de solução para o problema. Este pequeno texto de 25 versículos é uma das páginas mais belas do Apóstolo.

A presente obra, usando a linguagem narrativa, procura introduzir o leitor ao problema da escravidão na época das primeiras comunidades cristãs. O Apóstolo Paulo ensinava que “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem ou mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Segundo o Apóstolo, a liberdade era um dos dons mais importantes que Jesus nos havia dado: “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1). O sonho de ser livre é um anseio dos mais profundos do ser humano. E é na liberdade que queremos servir ao nosso Deus.



ISBN 978-65-86578-16-4



9 786586 578164